

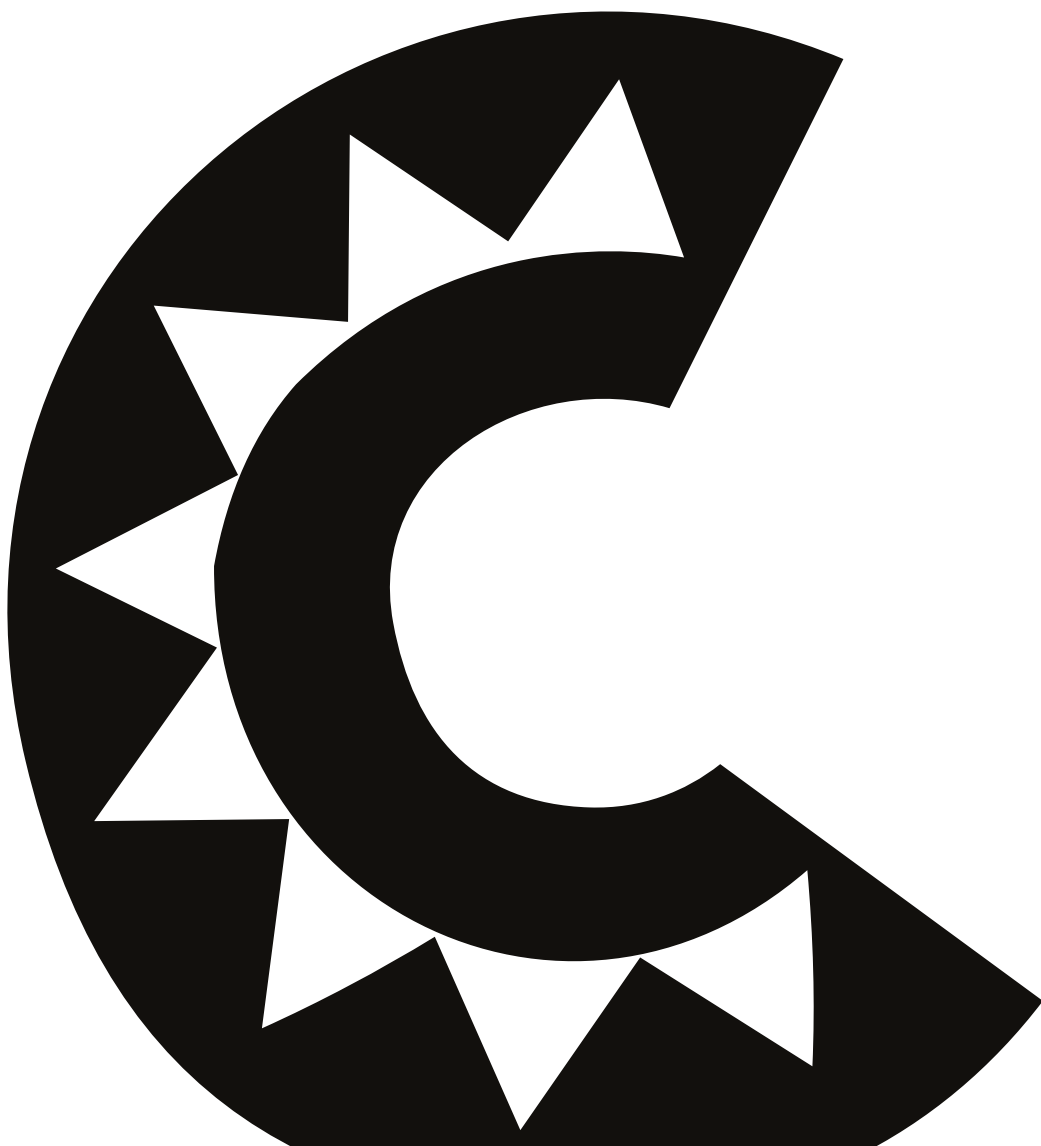
**caderno de
educação**

**ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

1995—2013

16

**candaces:
rainhas do
império méroe**







É com imensa satisfação e orgulho que apresentamos esta edição comemorativa que reúne todos os Cadernos de Educação publicados pelo Ilê Aiyê. Esta coleção simboliza a centralidade do projeto de educação, reparação histórica e afirmação das dimensões afro-brasileiras.

A parceria com a Fundação Cultural Palmares do Ministério da Cultura e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) do Ministério da Educação reforça a importância histórica e a relevância política, artística e cultural dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê. Essa iniciativa se alinha a uma prática de extensão que enxerga a educação como um processo de transformação social, promovendo a valorização e o reconhecimento da cultura afro-brasileira.

Assim como o Ilê Aiyê, que, a partir do Carnaval Negro e da potência criativa de J. Cunha, ressignificou a maior festa popular da Bahia, os Cadernos de Educação buscam conectar a educação às raízes culturais e históricas do povo negro. A Associação Cultural Ilê Aiyê, desde sua fundação há 50 anos, surgiu da luta por repre-

prefácio

sentatividade e pela valorização da cultura afro-brasileira. Com sua atuação no bairro da Liberdade, o Ilê Aiyê transformou seu espaço em um território de resistência e educação, criando a escola comunitária Mãe Hilda e a Band'Erê, com seu modelo pedagógico inovador baseado na cultura e na História do povo negro no Brasil.

O Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, criado em 1995, expandiu essas ações para outras escolas da comunidade, capacitando professores e educadores a abordar a História e a cultura afro-brasileira em sala de aula. Esse projeto, assim como os Cadernos de Educação, promove o desenvolvimento de uma consciência de pluralidade cultural, combatendo o racismo e reforçando a importância da ancestralidade e da identidade negra.

O compromisso da UFRB com esse projeto reflete sua missão de promover a inclusão e a valorização das culturas de matrizes africanas, colaborando com a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Que esta edição comemorativa dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê inspire educadores, estudantes e toda a comunidade acadêmica a continuar a luta por um mundo melhor e sem racismo, celebrando a riqueza e a diversidade das culturas afro-brasileiras.

prof. danillo barata
pró-reitor de extensão e cultura da ufrb

1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

ORGANIZAÇÕES DE RESISTÊNCIA NEGRA

Valéria Lima

ensaio

6

Resistir é um verbo constante na vida de qualquer pessoa negra. Resistimos desde os navios negreiros, que arrancaram nossos ancestrais de Mãe África e os espalharam pelas Américas, principalmente pelo Brasil. As mãos negras construíram este país, a terra que “em se plantando tudo dá”, e que deu para os nossos apenas dor e trabalho. No entanto, resistimos.

Apesar de as escolas ensinarem por séculos que não houve resistência à escravidão por parte dos africanos usurpados de seu continente, aos poucos estamos resgatando tantas histórias contrárias que foram ocultadas dos livros. Hoje sabemos dos muitos levantes que ocorreram para acabar com a escravidão neste país. Conhecemos as histórias das irmandades, dos quilombos, das negras de ganho, que se organizaram para garantir não só a sua liberdade, mas também a de tantos outros irmãos e irmãs. A liberdade das mulheres que lutaram para manter vivas as tradições, os costumes e a religiosidade de matriz africana.

As organizações de resistência negra no Brasil desempenharam um papel crucial na luta contra o racismo, a discriminação e a desigualdade social. Desde a chegada dos africanos escravizados no país até os dias atuais, essas entidades têm sido fundamentais na promoção dos direitos civis, culturais e políticos da população negra brasileira. Além de tudo que foi realizado ao longo dos intermináveis

séculos em que durou a escravidão no Brasil, muito foi feito pelo povo negro deste país para driblar os resquícios da escravidão. Apesar de o letramento não ser permitido às pessoas negras, muitos eram os que sabiam ler e escrever, de modo que, ainda no século XIX, a imprensa negra já se fazia presente. Como bem nos apresentou Ana Flávia Magalhães em sua pesquisa publicada em *Imprensa negra no Brasil do século XIX*, *O Mulato* ou *O Homem de Cor*, datado em 14 de Setembro de 1833 foi o primeiro veículo negro deste país.

Os quilombos são importante símbolo de resistência e organização. Os escravizados que fugiram das plantações e engenhos tornaram-se referências de liberdade e luta contra a opressão. Em um ambiente de brutalidade e exploração, os quilombos ofereceram refúgio e autonomia, com os negros podendo viver de forma livre, em comunidade, preservando suas tradições culturais, e praticando sua religião. O mais famoso deles, Palmares, liderado por Zumbi, resistiu por quase um século, exemplificando a resiliência e a força coletiva dos afro-brasileiros na luta pela liberdade e justiça.

Organizar e resistir para existir! As irmandades religiosas foram determinantes para a sobrevivência dos negros e negras escravizados. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, fundada na Igreja da Sé, no centro de Salvador, é datada de 1685. Posteriormente foi transferida para uma igreja construída com recursos próprios e com o trabalho dos membros da Irmandade. Os terreiros de candomblé, assim como as irmandades, nasceram em meio à escravidão. Os Orixás, Inquices e Voduns, que aqui desembarcam com os africanos, fizeram morada em todas as regiões do Brasil, de norte a sul. As religiões

de matriz africana se mantêm vivas, apesar do racismo e das perseguições. Os registros informam que os primeiros terreiros surgiram por volta de 1830 (p. 8,1995). E nesses espaços sagrados, mães e pais de santo garantiram a manutenção dos cultos originários de África, com uma identidade brasileira.

A mais antiga associação civil negra do Brasil nasceu na capital baiana e há quase 200 anos transforma a vida de negros e negras. A Sociedade Protetora dos Desvalidos, fundada em 16 de Setembro de 1832, inaugurou novas possibilidades na vida de inúmeros escravizados. Liderado por Manoel Vitor Serra, africano livre, um grupo de homens da capital baiana se reuniu para garantir a liberdade de outros, comprando cartas de alforria. Entretanto, ao longo de todos esses anos, a organização atuou de diversas formas, como caixa e empréstimos e penhores, apoiando no tratamento de doenças, na invalidez, na velhice e na garantia de um funeral para aqueles que não podiam pagar. E foi se reinventando de acordo às necessidades que foram surgindo no pós-abolição. E segue, ainda hoje, lutando contra o racismo e as desigualdades por ele ocasionadas.

Com a abolição da escravidão em 1888, a luta pela igualdade continuou, uma vez que a população negra permaneceu marginalizada. A Frente Negra Brasileira (FNB), fundada em 16 de setembro de 1931 por Abdias do Nascimento, desempenhou um papel crucial na luta pelos direitos civis e sociais da população negra no Brasil. Como uma das primeiras organizações de massa lideradas por negros, a FNB buscou combater o racismo e promover a integração social, política e econômica dos afro-brasileiros. Através de campanhas de educação, assistência jurídica e atividades

culturais, a FNB trabalhou para elevar a autoestima da comunidade negra e exigir igualdade de oportunidades. Sua atuação pioneira pavimentou o caminho para os futuros movimentos negros do país, deixando um legado duradouro na luta contra a discriminação racial. Embora tenha sido fechada pelo Estado Novo de Getúlio Vargas em 1937, seu legado influenciou grandes movimentos subsequentes.

A partir da década de 1970, com o fortalecimento dos movimentos sociais no Brasil, houve um ressurgimento significativo de organizações negras. O Ilê Aiyê e o Movimento Negro Unificado, nascidos nesse período, são os responsáveis pelas configurações de movimentos que conhecemos na atualidade. Influenciados pelos Panteras Negras, que lutavam pelos direitos civis nos Estados Unidos da América, surge o primeiro bloco afro do Brasil. O Ilê Aiyê, idealizado por Antonio Carlos Vovô e Apolônio Souza de Jesus Filho, fundado em 1º de Novembro de 1974, ganhou as ruas do carnaval de Salvador a partir de 1975, e, com as bênçãos de Mãe Hilda Jitolu, cantou a beleza e a história do povo negro no Brasil e em África.

O Ilê realizou uma verdadeira revolução estética no Brasil, através do trabalho inovador de Dete Lima. Os turbantes e as amarrações inspiradas nas vestimentas dos Voduns do Axé Jitolu, em conjunto com as estampas desenvolvidas por J. Cunha, deram vida às cores da entidade. Suas ricas vestimentas, seus adereços vibrantes e suas expressões culturais autênticas exaltaram a beleza e a identidade afro-brasileira. A estética desenvolvida pelo bloco não apenas resgatou tradições africanas, mas também desafiou os padrões eurocêntricos de beleza, promovendo o orgulho racial e a autoestima entre os negros. Essa revolu-

ção visual e cultural do Ilê Aiyê teve um impacto profundo, influenciando a moda, a arte e a identidade afro-brasileira por gerações.

O Movimento Negro Unificado (MNU), criado em 1978, destacou-se como uma das principais entidades na luta contra o racismo estrutural e na promoção da consciência negra. O MNU tem se empenhado em diversas frentes, incluindo a denúncia da violência policial, a luta por cotas raciais e a valorização da cultura afro-brasileira. Cultura e política se encontram e se reinventam por igualdade e justiça. Para que possamos ser quem somos, assumindo nossa identidade no jeito de ser e de se vestir do povo negro deste país.

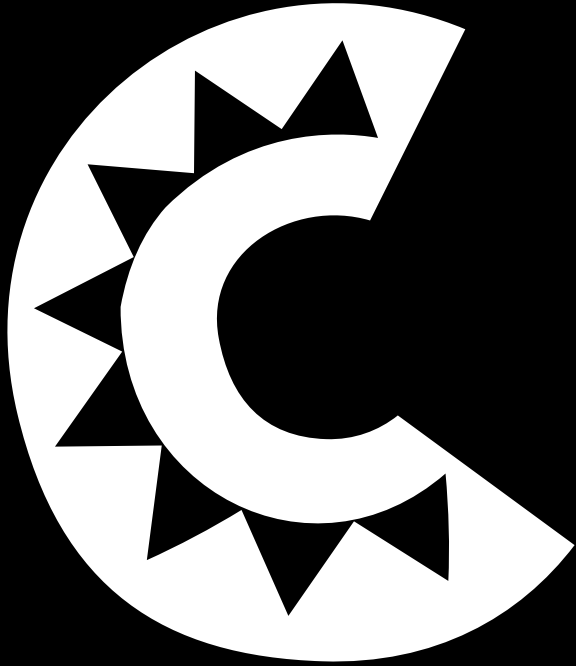
**OS ORIXÁS, INQUICES
E VODUNS, QUE AQUI
DESEMBARCAM COM OS
AFRICANOS, FIZERAM
MORADA EM TODAS AS
REGIÕES DO BRASIL**

Abrangência

A partir dos anos 2000, a resistência negra no Brasil vem ganhando novas configurações e formas de atuação. Enquanto, na década de 1970, elas se dividiram entre culturais e políticas, na atualidade é difícil listar todas. Seja através das artes, da música, com o uso de novas tecnologias, através do afrofuturismo, pelas redes sociais; seja qual for o caminho, o objetivo é sempre ampliar a representatividade e combater o racismo em todas as esferas da sociedade brasileira. Nos últimos anos, diversas organizações foram criadas, destacando-se a Coalizão Negra por Direitos, de abrangência nacional. A Coalizão reúne várias entidades que, embora atuem individualmente em seus respectivos territórios, mantêm-se unidas e vigilantes pelo bem comum. A união dessas forças exemplifica a crença de que juntos somos mais fortes e capazes de alcançar objetivos ainda maiores.

Em 6 de Janeiro de 2023, nasceu no bairro do Curuzu, mesmo local em que outrora surgiu O Mais Belo dos Belos, o Instituto da Mulher Negra Mãe Hilda Jitolu. A organização foi criada com o objetivo de manter viva a história e o legado de mulheres negras que tiveram importantes contribuições para o movimento negro brasileiro, iniciando-se pelo legado de Mãe Hilda Jitolu, a matriarca do Ilê Aiyê, que muito contribuiu para a valorização da cultura e religiosidade negras. Mãe Hilda nasceu em Salvador, em 6 de janeiro de 1923, e em 1952 fundou o Terreiro Axé Jitolu, em um dos bairros mais negros da capital baiana, o Curuzu.

O futuro é incerto, mas, enquanto houver racismo, haverá resistência!



sumário

4	prefácio
6	ensaio
18	apresentação
21	quem são as candaces?
25	antecedentes - uma breve contextualização
31	homenagem às mulheres africanas
38	homenagem do ilê aiyê às candaces brasileiras
81	atividades pedagógicas
90	antologia poética

Caro(a) Leitor(a):

Nosso propósito, com este Caderno de Educação, é mostrar a importância da mulher negra para a história da humanidade. Para isso, fizemos uma viagem ao nosso passado ancestral onde, na África, já encontrávamos valorosas mulheres negras — Candaces com poder de negociação, poder político e poder cultural. O Ilê Aiyê quer atualizar esta história junto com você, narrando histórias de vida de cinco Candaces brasileiras contemporâneas e um grupo de mulheres.

Com este Caderno de Educação, você poderá saber mais sobre a nossa história passada e também a nossa história presente através das Candaces Gaiaku Luiza, Dete Lima, Lélia Gonzalez, Ruth de Souza, Leci Brandão e o Grupo de Mulheres do Alto das Pombas.

Você, caro(a) leitor(a), continua sendo de fundamental importância para o Ilê Aiyê, que desde a sua fundação tem como objetivo narrar histórias do povo negro para que através da consciência e educação tenhamos poder neste estado e país.

Axé,

Antônio Carlos dos Santos Vovô - Presidente

A bola da vez

(Jocyclee e Toinho do Vale)

Eu quero saúde e estudar, viver contente
Me formar, trabalhar, ter mais valor
Secretário de estado, ser ministro
Jornalista, engenheiro, senador
Quero cotas iguais, não diferentes
Quero ter meu direito aonde for
Moradia decente pra essa gente
No Brasil ver um negro presidente
Ô ô essa reparação já passou da hora
Não desisto, pois eu sou um negro quilombola
Eles pensam que podem apagar nossa memória
Mas a força do Ilê nos conduz nessa trajetória
Esse país aqui foi feito por nós
Ninguém vai mudar, nem calar nossa voz
Direito de ir e voltar, cidadão
Levante a bandeira do gueto negão
A bola da vez
Sou a voz, sou Ilê
A bola da vez
Sou a voz, sou Ilê
A bola da vez
Ilê, bola da vez

1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

CANDACES: RAINHAS DO IMPÉRIO MEROE

apresentação

Mulheres de grande influência
Bravas guerreiras a cantar
Negras Candaces, negras fortes no poder Reinando no império encantadas pelo Ilê...
AMILTON LOPES, MARCOS ALVES E MILTON DO SINA

O Ilê Aiyê, apresentando este ano o tema “Candaces, Rainhas do Império Méroe”, dá continuidade à sua trajetória de contar a história do povo negro, privilegiando como tema central de debate o negro e o poder, a valorização, a autoestima e a visibilidade da mulher negra.

Nesta oportunidade, atualizamos esta história de mulheres guerreiras africanas com importantes lideranças femininas contemporâneas brasileiras:

- ◆ Gaiaku Luiza
- ◆ Dete lima
- ◆ Lélia Gonzalez
- ◆ Leci Brandão
- ◆ Ruth de Souza

◆ Grupo de Mulheres do Alto das Pombas

O objetivo maior deste Caderno, produzido pelo PEP do Ilê Aiyê com o tema “Candaces, Rainhas do Império Mé-roe”, é oferecer um recurso pedagógico fundamental para o trabalho de educadores, educadoras, juventude negra, agentes multiplicadores e estudantes dos três níveis de ensino brasileiro.

Prezado(a) leitor(a), esperamos, sinceramente, que você concretize os ideais político-pedagógicos do Ilê Aiyê que começaram no Carnaval e que agora foram transformados em um instrumento de educação para o povo negro.

Axé,

Jônatas Conceição e Maria de Lourdes Siqueira
Salvador, junho de 2008

Quem são as candaces?

01



Rainhas negras

(Amilton Lopes – Marcos Alves – Milton do Sina)

Rainhas negras, as pirâmides do rei
Lutam para simbolizar
E edificar o reino Méroe
Nefertiti, Cleópatra e negras africanas
Mulheres de grande influência
Bravas guerreiras a cantar
Negras Candaces, negras fortes no poder
Reinando no império encantadas pelo Ilê
Hoje na Bahia
Mulheres negras do Brasil
Mãe Hilda negra serena, Dete Lima força mil
Leci Brandão beleza negra, arte, poesia e canção
Na gestão do Ilê Aiyê Laços de confraternização
Negras Candaces, negras fortes no poder
Reinando no império encantadas pelo Ilê
Ilê vai tocar ta rá rá
Pra negro dançar ta rá rá
Batuque ijexá
Para as Candaces balançar

A. Candaces são Rainhas-Mães

AS CANDACES SÃO RAINHAS-MÃES, mulheres de sangue real, corajosas, guerreiras que ocuparam posições proeminentes, status importantes, funções políticas, sociais e culturais assumindo a totalidade do poder durante três gerações sucessivas no Reino Império de CUSH e MÉROE.

Assumir o papel de Candace significava o reconhecimento de lugar privilegiado no sistema monárquico meroítico (de Méroe). Era poder político na NÚBIA e no SUDÃO e significava estabilidade e continuidade.

As Candaces têm monumentos denominados túmulos reais, por exemplo, em BEGRAWIYA Norte.

As Candaces ocupavam-se inclusive da formação de novas gerações, consideradas “jovens da essência divina”; realizavam rituais para investir poderes em suas sucessoras para a continuidade do Reino - por exemplo, era papel das Candaces a coroação e a adoção da nora, para ampliar e assegurar a continuidade do reino aportando sangue novo, sem perder as tradições nem as origens.

As Candaces realizavam a coroação de seus próprios filhos em seus postos de realeza; participavam da escolha do Rei e das cerimônias de transmissão de poderes; em cerimônias rituais, as Candaces eram as portadoras de oferendas e símbolos de realeza, de poder.

O sistema que garantia a existência das Candaces era um sistema local dotado de uma enorme complexidade, articulando uma organização tradicional que se renovava em si mesma, a cada passo, no interior da realeza CUSH em MÉROE.

A proeminência da RAINHA-MÃE¹ assegurava a legitimidade do sistema e mantinha a família real no poder.

Candace: as senhoras CUSH; nome genérico de Rainhas da Etiópia. Candace significa a forma latina afrancesada de KANTAKAI.

B. Quais foram as principais Candaces africanas

Dentre a linhagem das Candaces têm destaque especial: AMANIREMAS/AMANISHA-KHETO - aquela que levou Méroe à cena universal e AKIMIDAD. Os nomes de AKIMIDAD e da rainha AMANISHAKHETO estão inscritos no templo TEM KWA, um palácio descoberto há poucos anos, próximo ao rio, e seus túmulos são de grande beleza na necrópole norte de Méroe.

A mais antiga CANDACE reinou no ano 20 antes de Cristo. A Candace AMANIREMAS ou AMANISHA-KHETO tinha um só olho e um porte marcial, era valente, guerreira, tenaz e corajosa. Com sua determinação, estabeleceu diálogo e conduziu as negociações com os invasores romanos. A Rainha Mãe cedeu a parte setentrional da NUBIA ao Império romano para obter paz.

Numerosas rainhas ocuparam o trono no início da era cristã. A historiografia nos fala de uma linhagem de rainhas-mães reinantes Candaces: a mais antiga era SHANAKDKHETE, e sucederam-se: AMANISHEKHETE, NAWIDENAK, MALEQEREABAR. Todas GERE-chefes. O PODER DAS CANDACES.

A iconografia do Reino Cush em Méroe mostra a realeza das Rainhas-Mães através de imagens religiosas pintadas nas paredes dos templos, das capelas e das pirâmides que relatam histórias religiosas de seu tempo.

02 **Antecedentes
- uma breve
contextualização
das origens
do reino das
candaces rainhas-
mães**

A. O Reino de CUSH

Reino que durou mil anos entre NAPATA e MÉROE. A partir do século IX a.C., escavações da necrópole de KURU nas proximidades de NAPATA revelaram a existência de tumbas de príncipes.

Estas tumbas pertenciam aos reis ancestrais da linhagem que promoveu a aliança entre o Egito e o Sudão. O Egito e o Sudão constituíram uma grande potência africana.

Durante um milênio, sobreviveu um Estado que se tornou cada vez mais africano, e que se dava a si mesmo o nome de REINO DE CUSH. Sua principal capital foi construída em NAPATA, ao pé da montanha de DJEBEL BARKAL. Mais tarde, no século VI a.C., foi transferida para uma região mais meridional chamada MÉROE.

A transferência se deu em razão de condições climáticas e econômicas — NAPATA era cercada de desertos. Méroe oferecia condições mais propícias para a criação de gado e agricultura, por ser uma região de chuvas, e ao mesmo tempo, um cruzamento das rotas utilizadas por caravanas que circulavam entre o Mar Vermelho, o Alto Nilo e o Chade.

O reino se caracterizava por um poder matriarcal tipicamente local.

O Reinado da Candace Rainha SHANAKHETE (170 a 160 a.C.) era um exemplo deste tipo de poder feminino.

O Reino Cushita (de CUSH) foi uma monarquia dupla, simbolizada pelo duplo URAEUS - o emblema dos soberanos egípcios: as duas serpentes que se erguem sobre a frente do FARAÓ e o protegem.

Havia uma combinação de símbolos, de tendências artísticas e de formas de expressão de estilo muito requintado. Por exemplo, o vestuário e os monumentos são tipi-

camente faraônicos. As inscrições nas pirâmides e monumentos são egípcias e guardam reminiscências da tradição mais clássica. Nos relevos das estátuas encontram-se pomos marcados, maxilares fortes e lábios grossos.

Ao lado desta tendência, também usavam ornamentação tipicamente do SUDÃO: uma espécie de toucado firmemente apertado ao pescoço, uma parte que protegia as têmporas, brincos, colares, enfeites com cabeças de carneiro (animal sagrado de AMON).

Os Cushitas saíram do Egito vencidos pelos Assírios. É certo que no Reino Cushita há influência da arte egípcia, mas há uma afirmação de autonomia, originalidade. Em relação às Candaces, a arte se expressava através de adornos que lhes garantiam formas majestosas de rainhas, expressando uma concepção diferente de corpo humano em relação àquela apresentada pela arte faraônica, atestando uma tradição, uma linhagem real hereditária. As Candaces contavam, em suas escolhas, nomeações e sucessões como confirmação oracular (por doutrinação) que lhes ratificavam a escolha já feita; portanto, seus lugares têm caráter simbólico.

B. Os conhecimentos do Reino CUSH

Os hieróglifos meroíticos encontrados correspondem aos mais antigos do mundo, são hieróglifos inspirados no Egito, mas com diferenças e autonomia com marca própria.

Natakamani, genro e sucessor de Amanishak, e sua esposa Amanitere, em 12 anos construíram monumentos que refletiam o poder de uma dinastia em apogeu.

As pirâmides do rei, da rainha e dos príncipes tinham identidade MÉROE.

Dentre as contribuições mais específicas do Império me-roítico, encontram-se a indústria do ferro e o bronze derretido.

Tudo caracterizava uma civilização poderosamente original e profundamente africana. Príncipes reais mais conhecidos: Kankharor, Kakhatari, Shorkaoor, entre outros.

Esses príncipes eram considerados Filhos do Rei, Senhor das duas Terras.

Sare Neb Tawy, filho de REI e REI - SARE NSWBIT.

A esposa que sobrevivia ao Rei, ao marido, tornava-se a CANDACE REINANTE.

C. O Egito-Articulação com o Reino Cush

Para Joseph Kizerbo, a África assumiu a liderança da humanidade durante os 3000 primeiros anos de história humana. Nesse processo, o Egito é uma dádiva do Nilo. O Nilo tornou-se uma prodigiosa fonte de recursos econômicos. Populações se aglomeravam em torno do Nilo num Saara verdejante. A densidade demográfica do rio Nilo era excepcional, o que levou as populações a se organizarem com chefe, sacerdotes e servidores.

Tornou-se a terra negra medida palmo a palmo e a agrimensura e a escrita se desenvolveram nas populações de cálculo. Os primeiros rudimentos aglutinados na faixa verde do Nilo, comprimidos pelas areias ardentes do deserto próximo, avançavam em progresso, organização, o que criava a necessidade de uma única hegemonia.

Na realidade, aí se realizaram trocas culturais e biológicas e, durante séculos, deu-se um caldeamento de povos em volta do Nilo, constituindo uma grande civilização.

As duas primeiras dinastias estabelecidas em MEN-FIS tinham fundamentos sociopolíticos e artísticos que

asseguravam as forças econômicas e espirituais do vale. As terceira e quarta dinastias atingiram um alto nível de florescimento com a construção das pirâmides QUEOPES, QUEFREN e MIKERINO.

É nesse momento que, após tantos outros acontecimentos, realiza-se a aliança entre egípcios e núbios, por um lado, e por outro lado, entre cretenses, hititas e assírios.

D. Cush e Méroe

Ao sul do Egito começava a Núbia, comarca que em tempos de Ptolomeu constituíam o Império Méroe.

Ao sul da 1ª catarata estendia-se um país chamado Cush, que foi povoado quase da mesma maneira que o Egito - um afluxo de povos que fugiam do deserto. A Núbia significa NOUB, que quer dizer Ouro. Possuía jóias, artigos decorativos, louça fina vidrada de azul, pulseiras finas e móveis incrustados de quartzo polido.

Os governantes eram egípcios assimilados ou simplesmente Núbios. Os faraós do Império Novo fizeram de Núbia um vasto posto avançado em direção aos países mais do sul - à Somália e ao Quênia.

Neste reino se encontrava o Templo do Sol - uma das maravilhas do mundo, num disco de ouro.

A Núbia, para os egípcios, era um país pobre. Lugar de passagem da grande rota de caravanas que ligava o Egito à África Central na parte que se estende entre a Núbia e o Mar Vermelho.

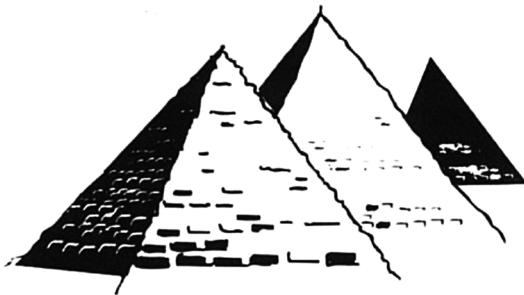
Possuíam marfim, ébano, minerais, azeite, peles, animais selvagens (leopardo) e adorno para vestimenta dos faraós. O ouro núbio era o prestígio do novo reino.

E. O Reino de Axum na Etiópia

Etiópia, região situada ao sul do Egito. O reino das Candaces comandava o povo da Etiópia.

Candaces-rainhas núbias. Figuras políticas centrais.
Oficiais íntimas dos Palácios.

Os egípcios se denominavam os NEGROS. O termo mais forte que encontravam para designar a cor preta.



1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

03

Homenagem às mulheres africanas historicamente reconhecidas

A. Nefertiti e Cleópatra: mulheres que marcaram época

Um longo período de trocas, de intercâmbios, mudanças e conquistas reforçam a poderosa trajetória do Reino de Cush. Toda esta cultura guarda a marca da civilização egípcia que distingue-se por um estilo original, embora pouco a pouco ocorra o desaparecimento dos hieróglifos egípcios nos domínios deste Reino.

Uma das marcas principais do período é o reinado das Candaces. As Candaces de que se tem notícia são: Amaniremas/Amanishakheto; Shanadkhete (a mais velha); Idenake Maleqereabar, conforme já foram referidas neste texto, mas na realidade a história do Egito registra a presença de outras mulheres importantes, poderosas, rainhas, guerreiras, mães principais, entre as quais destacam-se: Nefertiti e Cleópatra.

O Ilê Aiyê, ao apresentar o tema Candaces, saúda também as mulheres egípcias mais significativas e as Candaces brasileiras, escolhidas por razões de reconhecimento às suas histórias de participação nas lutas por uma sociedade mais igualitária e mais justa, o que corresponde à sociedade que queremos ser.

B. Nefertiti

Nefertiti, rainha principal do Egito, é referida na qualidade de Princesa do Oriente Médio, segundo algumas pesquisas, e é uma das maiores e mais poderosas mulheres da nobreza e da história do Egito. De uma beleza encantadora e ímpar, Nefertiti foi a esposa real de Akhenaton, o faraó que reinou entre 1353 e 1366.

Nefertiti exercia juntamente com Akhenaton poderes religiosos e celebrava rituais que se institucionalizaram,

revolucionando crenças, mitologias e estruturas religiosas do antigo Egito e dos povos tradicionais.

Nefertiti e Akhenaton instituíram o monoteísmo no Egito em torno do Deus do sol Aton.

Houve contendas, controvérsias e fala-se de uma certa perda de poder junto a camadas do povo que queriam manter as crenças no antigo panteão do povo egípcio. Mas a nova crença deu a Nefertiti glórias e muita fama. Certos pensadores julgam que a própria Nefertiti é a primeira responsável pelas reformas religiosas instituídas no Egito em torno do Deus Aton e seu reinado sobre o Sol para quem criaram ritos de adoração próprios.



Nefertiti acreditava profundamente nestes princípios religiosos e os cultivava, praticava e implantava entre seus seguidores. Não se sabe ao certo se Akhenaton, por pressão do povo, tenha retornado às crenças tradicionais. Nefertiti teve seis filhas com Akhenaton: Meritaton, Meketaton, Ankhesenpaaton, Neferneferuaton, Neferneferuré e Setepenré. A primeira Meritaton, herdeira do Faraó e sua rainha primeira, a segunda, Meketaton, que mereceu o direito a uma tumba real em El-Amarna; a terceira, Ankhesenpaaton, que se tornou esposa de Tuthankamon e, por

esta razão, ocupou o lugar da principal rainha do Egito.

As três últimas: Neferneferuaton, que correspondia ao primeiro nome nos cartuchos de Nefertiti; Neferneferuré e Setepenré.

Nefertiti é definida por Akhenaton: Princesa por hereditariedade. Gênio. Agraciada pelo poder de gerar felicidade. Grandiosa e louvada esposa de um REI - NEFERTITI.

Reinou por vinte anos entre realizações, reconhecimentos, pensamento revolucionário de sua época, pela singularidade de seus gestos e pela imagem de uma rainha excepcional. Imagens e dados arqueológicos retratam o famoso busto de Nefertiti, seguramente a sua melhor imagem, pintada nos muros de pedra dos palácios de El-Armana.

El-Armana era uma cidade em grande parte deserta, com edifícios públicos em bom estado de conservação. Ali, foram construídas tendas reais, entre as quais o lugar de realeza onde repousa Nefertiti após os seus anos de graça, realeza e beleza.

C. Cleópatra

Cleópatra: a mulher mais bela e elegante do mundo. Mulher forte, exuberante, astuta, irreverente e profundamente inteligente.

Princesa, torna-se rainha negra, africana, egípcia. Cleópatra branca, grego-macedônica, europeia?

São distintas as versões sobre sua origem, nascida no Egito, segunda filha de Ptolomeu II, rei do Egito. Membro da dinastia dos Ptolomeus. Cleópatra proveniente da Grécia, da região da Macedônia, ligada ao reino de Alexandre, O Grande, que estabelece seu Reino em Alexandria.

Ela tornou-se rainha aos 18 anos com o desaparecimento/passagem de seu pai Ptolomeu XII, assumindo o trono com seu irmão Ptolomeu XIII, de 15 anos de idade.



FILHA DE RA, DEUS DO EGITO?

Quem era Cleópatra? De onde vem? Onde nasceu? Quem são seus ancestrais?

A história de Cleópatra é um grande dilema, tema para um belo debate, uma polêmica que abre caminhos para repensar negritude e branquitude - do ponto de vista da África ou do pensamento centrado na Europa Ocidental. A quem interessa este debate? Do ponto de vista do povo negro, o mais importante é a análise da presença africana no mundo com seus personagens.

A quem interessa que a mulher mais bonita e elegante do mundo seja grega, macedônica, persa? Ao pensamento e à ideologia ocidental.

Na historiografia oficial, não há menção a respeito da negritude de Cleópatra. É uma forma de negar que ela seja negra, africana, egípcia.

A história branca conta que Cleópatra viveu em Roma com o rei Julio César. Quem sabe por ambição política

dessa união, Cleópatra dá à luz um filho. Depois de vários acontecimentos, inclusive o desaparecimento de Julio César, retorna ao Egito com seu filho Cesarion ou assume o trono na qualidade de sucessora de Julio César.

Em outro momento da sua vida, Cleópatra daria à luz dois filhos gêmeos. Ela vive em Antioquia com Anthonin. Dessa mescla de lugares, de tronos, de amores, de reinos, Cleópatra ressurgue para alguns na qualidade de uma cortesã do oriente helenizado. Uma miscigenada grego-egípcia, fruto de casamentos e uniões entre dominadores e nativos.

Quem foi DDJYME na vida de Cleópatra?

A discriminação eurocêntrica ocidental sobre a África e Ásia cria historiadores que dão à realidade a cor que correspondem seus interesses político-culturais, religiosos e econômicos.

O debate é: Cleópatra era egípcia, negra, grega, macedônica, branca? Qual é a origem, a cultura, a ancestralidade de Cleópatra?

A quem serve a figura de Cleópatra? A aparência de Cleópatra, a representação da cor da sua pele - em que medida corresponde à purificação da Grécia em oposição às culturas africana e asiática vistas pela dominação colonial?

A leitura do Ocidente sobre Cleópatra afirma que ela é de origem e aparência branca, grega, macedônica, europeia.

Artistas consideradas brancas “mais escuras” são consideradas representações de Cleópatra: Theda Bara, Nita, Naldi, Alla Nazimova, Claudete Colbert, Vivian Leigh e Elizabeth Taylor. Ela era parecida com estas atrizes “brancas mais escuras”? O olhar de Hollywood sobre Cleópatra revela esse dilema.

O certo é que há um impacto da “Rainha Nativa do

Oriente” ou Rainha Ocidental, segundo diferentes formas pela quais Cleópatra é imaginada.

O Egito tem sua história marcada por rainhas poderosas, mas fala-se que sua especial paixão é reservada à Cleópatra.

Palavras ditas por Cleópatra: “Estou morrendo, estou morrendo, EGITO”

CLEÓPATRA é negra/branca/egípcia/macedônica/europeia/africana? Ela é africana?



04

Homenagem do Ilê Aiyê às candaces brasileiras

Levando-se em conta que as Candaces que comandavam o povo da Etiópia eram Rainhas-Mães, mulheres de sangue real, corajosas, guerreiras que ocuparam posições proeminentes, status importantes, funções políticas, sociais e culturais na África, escolhemos cinco mulheres brasileiras - Gaiaku Luiza, Dete Lima, Lélia Gonzalez, Ruth de Souza e Leci Brandão - e o Grupo de Mulheres do Alto das Pombas para homenagear no Carnaval de 2008. Vamos às suas importantes histórias:

A. Gaiaku Luiza

Gaiaku Luiza, sacerdotisa

Jêje mahi, foi no Bogun onde tudo começou

Pra festejar pra Azansú

Vodum correspondente a Omolu

MARITO LIMA E MILTON BOQUINHA

Os jêjes chegaram ao Brasil, em certo número, por volta de meados do século XVIII, e em um número muito maior após 1790. Eles tinham como pátria o antigo Reino do Daomé, fundado pelos fons, uma tribo de Ewe. No Daomé existiram, desde os séculos XV e XVI, vários reinos com sua própria cultura, cujos principais eram Savi, Allada, Adjatchè (Porto Novo) e Abomé (Agbomè). No século XVIII, os reis do Daomé conquistaram os reinos vizinhos, estendendo assim seu poderio até a costa e além das fronteiras atuais. O Daomé tornou-se colônia da França, mas conquistou sua independência em 1960. Em 1974, a república popular socialista é proclamada e a nação passa a ter o nome de Benin.

Os beninenses de diferentes regiões utilizam a língua francesa entre si. Além do idioma oficial, são faladas no Benin as seguintes línguas: fon, bariba, dendi, adja, mina e yorubá. Como em toda parte do Benin, os ritos religiosos ancestrais do Vodum são conservados e transmitidos pelos descendentes da família real, pelos feiticeiros (sacerdotes do Vodum) e pelas confrarias secretas. Em 1991, 62% dos beninenses praticavam as religiões tradicionais; 23,3%, o cristianismo (católicos e protestantes); 12%, o islamismo e 2,7% outras religiões. Abomé, fundada em 1658 pelo rei Houegbaja, é a antiga cidade real do Daomé. A cidade de Ouidah é o berço do culto ao Vodum, onde

se encontra o mais afamado templo dedicado à serpente sagrada (Vodum Dàn), que assegura força e proteção.

Durante o período da escravidão na Bahia, houve uma grande concentração de africanos jêjes e nagôs nas zonas próximas da Baía de Todos os Santos e na zona fumageira, principalmente em Cachoeira. Zona de produção exclusiva de tabaco, desde o século XVIII, Cachoeira era o segundo porto fluvial mais importante da Bahia, “porta de entrada” para o sertão baiano e interior brasileiro. Quer dizer, Cachoeira era uma zona de concentração africana, principalmente de negros libertos, que buscavam trabalho no cais, trapiches, alfândegas e cantos (lugar onde os africanos se reuniam para oferecer seu trabalho) da vila.

Contam os antigos que o primeiro candomblé existente em Cachoeira foi de origem jêje, o Bitedó. Não se sabe se esse candomblé foi fundado pelas mulheres da Irmandade da Boa Morte, sendo, portanto uma ramificação do candomblé jêje Zoogodo Bogun Malè Hündo, em Salvador, ou se já existia antes da Boa Morte chegar à Cachoeira.

A data de fundação do candomblé do Bitedó com a do terreiro do Bogun se perdeu no tempo. Acredita-se que o Bitedó passou a existir no início de 1800, ou antes.

A tradição cultural e religiosa de Gaiaku Luiza remonta a esta história resumida acima.

Gaiaku Luiza foi uma das poucas Vodunsi (filho ou filha de santo que incorpora o Vodun), na Bahia, que ousaram abrir uma roça de candomblé Jêje Mahi. Isso ocorreu em 1952, num período em que não era comum tal prática dentro do culto jêje. Na época, supõe-se que existiam somente dois terreiros jêje-mahi na Bahia, que eram o Zoogodo Bogun Male Hündo, em Salvador, e a Roça de Ventura, em

Cachoeira. Com a autorização e participação de sua mãe de santo Kpòsúsi (pessoa consagrada ao Vodum Kpòsu) Romaninha, dona Luiza abriu um terreiro jêje-mahi, tomando-se, então, uma Gaiaku.

O que é Gaiaku? O título Gaiaku é próprio do jêje-mahi, pois não é encontrado na Casa das Minas, em São Luís do Maranhão, onde praticam o jêje conhecido como Jêje-Mina. Nos terreiros jêje da Bahia, a mãe de santo pode ocupar três cargos: Gaiaku, Doné e Mejitó. Esses cargos estão relacionados com as famílias dos Voduns que compõem o culto.

A iniciação de Gaiaku Luiza foi no Bogun. Sua mãe de santo foi Gaiaku Romaninha. Ela chegou no Bogun no dia 9 de agosto de 1944 e só voltou para casa em 1945. Segundo depoimento da própria Gaiaku Luiza, quem comandava o Bogun era Gaiaku Emiliana.

Em 1952, Gaiaku Luiza inaugura sua roça. Ela afirmou: “A inauguração foi com muita festa para Azansú (Vodum que corresponde ao orixá Omolu), o dono da casa, e foi muita gente prestigiar. A roça recebeu o nome de HUNKPÁME AYIONO HUNTOLOJI”.

Este terreiro de candomblé jêje-mahi, fundado por Gaiaku Luiza, desde a sua fundação, está situado em um local chamado Alto da Levada, próximo ao bairro do Caquende, na periferia de Cachoeira.

Em 20 de junho de 2005, Luiza Franquelina da Rocha, ou Gaiaku Luiza de Oya faleceu, aos 96 anos de idade. Era considerada uma das mais importantes sacerdotisas do culto afro-religioso jêje-mahi do Brasil e possuidora de uma sabedoria inigualável. Faleceu em Cachoeira, na sua roça, cercada de filhos de santo, amigos e familiares, como ela sempre quis e costumava dizer: “Mãe de santo tem que

morrer dentro de sua roça”. Foi determinado, ainda em vida pela falecida, que a herdeira do posto de dirigente sacerdotal do terreiro seria sua sobrinha carnal, Regina Maria da Rocha Dofona, que foi iniciada no Hùnkpámé Huntóloji, num barco de três Vodunsi em 1977-1998, para o Vodun Avimadje.

Este texto sobre Gaiaku Luiza foi retirado e adaptado do livro “Gaiaku Luiza e a trajetória do Jêje-Mahi na Bahia”, de autoria de Marcos Carvalho (ver bibliografia).

B. Candace Dete Lima

Lá nos anos setenta, ainda se ouvia
Que negro era feio, sem direito a alegria
Dete Lima aparece, junto ao Ilê então
Fazendo corpo, cabeça e a transformação. RITA MOTA

Simbolicamente, Dete Lima é considerada majestade da nobreza núbia, egípcia, sudanesa: Reino de Cush em Napata e Méroe. Suas origens vêm desde TA-SETI, mulher núbia, mãe do Rei AMENY, o nobre que promete trazer ao Egito tempos novos, vida nova. Estas são as rainhas ancestrais das Candaces.

Sua trajetória é longa até chegar ao Curuzu, na Liberdade. Hoje é a vida que ela vê nascer - o Ilê Aiyê, que lhe confirma o título de Candace. As Candaces são rainhas, guerreiras, sábias.

Dete é portadora de um destino para ser nobre. Agradada por uma inteligência privilegiada, é artista plástica e visual reconhecida pela beleza e originalidade dos produtos artísticos que nascem da sua inspiração, unindo pensamento, criação e cultura nova.

Dete cria uma arte original, essa beleza negra que hoje desfila nas avenidas em dia de gala e nas ruas enfrentando

o racismo e construindo beleza, autoestima, consciência negra e orgulho de ser negra na vida cotidiana de milhares de pessoas.

No mundo da diáspora, ela é escolhida, pelas raízes da ancestralidade africana, para dar continuidade às tradições no dia a dia junto com sua mãe, a Iyalorixá Hilda Dias dos Santos Jitolu, suas irmãs, seus irmãos, suas filhas e filho no Terreiro de sua atual Iyalorixá, o Ilê Axé Jitolu. É lá neste templo sagrado que Dete continua a iniciação religiosa que realizou no Terreiro da Iyalorixá filha biológica de Mãe Tança, Iyalorixá do Terreiro Cacunda de Yayá. Hoje confirmada Ekede de Oxum no terreiro onde ela nasceu e se criou, é com Mãe Hilda Jitolu que a Candace Dete Lima estabelece seu papel de mensageira entre encantados, anjos, querubins e serafins a corte dos eleitos pelo sobrenatural que na África são Orixás, Inquinces e Voduns de Nações Jêje, Nagô, Ketu, Angola, Moçambique, Congo e Mina.

Na vida de Dete Lima, tudo se articula e se apresenta com harmonia: diretora do Ilê Aiyê, filha, irmã, esposa, mãe que a tudo se dedica com inteireza, amor e profissionalismo, artista laureada pelo público que reconhece o produto do seu trabalho e sua arte.

Dete usa - para criar coroas, adereços, imagens novas sobre cabeça e estrutura das pessoas - contas, búzios, palha da costa, seda, cetim, rendas, fitas, pedrarias, linhas e fios de todas as cores, privilegiando os tons africanos para criar estilos, figurinos nos cortejos, embelezando no Ilê Aiyê Rainhas, Ala de Canto, Grupo de Dança, Associados, Diretoria, Band'Aiyê e Band'Erê.

Esta arte é registrada, divulgada e apresentada em exposições individuais e coletivas. Ela recebe homenagens,

participa da coordenação de viagens e turnês nacionais e internacionais, tem lugar reconhecido na imprensa que publica e anuncia suas ações, suas exposições, sua produção artística.

ORIGEM FAMILIAR E FAMÍLIA NUCLEAR

A história da Candace Dete Lima se inicia a partir de um núcleo familiar bem estruturado entre pai, mãe, irmãos e irmãs, convivendo, trocando experiências de uma vida cotidiana cultural e religiosamente africana, vivida no Curuzu e transcendendo para diversos lugares do mundo, levando o mundo negro.

Dete constituiu sua própria família nuclear casando-se com Paulo Cambuí e, dessa união, nasceram: Vinícius, o filho mais velho, e duas filhas gêmeas, Catarina Valéria e Valéria Catarina. Os três hoje são estudantes universitários e profissionais em Relações Públicas, História e Jornalismo.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Dete Lima, convivendo com sua formação técnica em Biologia, presta atenção, acompanha e desperta para uma vocação artística que sempre conviveu dentro dela e um dia se faz arte viva. Na vida de Dete, sua vocação artística, seu talento, sua religiosidade realizam o milagre da síntese em sua vida: família nuclear, construindo o caminho do matrimônio, assumindo seu lugar de Ekede no Ilê Axê Jitolu; de Diretora do Ilê Aiyê e Membro da Sociedade dos Mestres da Cultura Popular. É artista, criadora de uma plástica arte visual que transforma, cria um jeito de vestir-se, pentear-se, amarrar roupa com arte, no corpo, turbantes esculturais. Ela borda, cria arte em tecido: imagens, projeções, paisagens, figuras de pessoas e figuras de Orixás.

O REINO ENCANTADO DA CANDACE DETE LIMA

Jeito de princesa, atos de rainha, ela é bonita, elegante, serena, modesta, firme, ativa e inteligente. Uma sábia rainha, uma brava Candace. Ela reina, apoia, orienta, assume toda peleja e toda luta que tenha por objetivo o combate ao racismo, à discriminação racial, à injustiça, ao tratamento desigual à pessoa por raça, cor, posição ou status social. Tudo constitui a luta que realiza pela arte e pela educação.

O reino de Dete Lima é o mundo por onde ela anda levando sua arte plástica, visual, engajada, transformadora. As pessoas que criam uma marca são agentes de transformação. Ela é Candace porque é comprometida e reconhecida pelo amplo trabalho que realiza. Ser Candace é saber ser mãe das pessoas que passam por ela, com dedicação, com ternura, com sentimento e responsabilidade. Dete é disponível. Está sempre atenta às outras pessoas. É uma filha de Oxum. É mãe das filhas de Oxum, da dona dos rios, do amor, do ouro, do coral, do âmbar. Ela compartilha com Yemanjá e Olokun o domínio das águas. Dete Lima tem Awô - sabe o mistério dos Orixás. Tem o dom do conselho que é retrato da sabedoria. Mãe Hilda, sua mãe biológica e mãe do Terreiro ao qual Dete pertence, deu-lhe o exemplo de pioneira educadora, agente cultural e promotora de ações sociais. Criou a Escola Mãe Hilda, a Sociedade Beneficente Filhos de São Lázaro e participa, apoia e zela pela criação e continuidade do Ilê Aiyê. Dete apreciava ver Mãe Hilda Jitolu vestindo orixás, preparando o Terreiro para rituais — ela desejava bordar no pano aquelas imagens que hoje saem reelaboradas de suas mãos em forma de paisagens da Bahia, dançarinas afro-brasileiras, temas de rituais de Candomblé, imagens indígenas e africanas, vivências do cotidiano.

A arte de Dete Lima se expressa através de várias linguagens nas artes visuais. A competência de Dete, enquanto artista visual e plástica, é saber dialogar com a diversidade de materiais que estão contextualizados no seu universo através de pensamento, habilidades técnicas e sensibilidade para apreendê-los e expressá-los.

Mulheres negras hoje no Brasil, na Bahia, na Diáspora, têm a partir de 1974 um jeito novo de assumir-se mulher e negra, com prazer de ver-se bonita, sendo negra, com o orgulho de ser negra partindo do Ilê Aiyê e da arte de Dete Lima.

AÇÕES DE CANDACE NA QUALIDADE DE DIRETORA DO ILÊ AIYÊ

- a)** Organização e coordenação da SEMANA DA MÃE PRETA;
- b)** Festa da Beleza Negra. Figurino e cortejo de rainha em apresentações nacionais e internacionais;
- c)** Organização de cortejos, desfiles;
- d)** Oficina de indumentária afro;
- e)** Viagens nacionais e internacionais;
- f)** Workshop de dança afro em viagens nacionais e internacionais;
- g)** Coordenação de coreografias, indumentárias, figurinos, adereços para Diretoria, Band'Aiyê, Band'Erê, grupo de dança, Rainha, Associados;
- h)** Workshops de Trançado e Turbantes: Estados Unidos; Martinica; Brasil;
- i)** Cursos de trançados, torços, amarrações de tecidos junto ao corpo nas Escolas; Escola Mãe Hilda - Curuzu; Escola Abrigo do Povo; Escola Duque de Caxias;
- j)** Participação no Spoleto Festival USA;
- k)** Coordenação de dança do Ilê Aiyê;

- l)** Coreografia figurino Charleston South Carolina, 1998;
- m)** Participação em festival de dança;
- n)** Responsável figurino do Ilê Aiyê - Miami - USA 1993;
- o)** Participação no festival de dança e Carnaval - Martinica-1994;
- p)** Pesquisa de campo para o tema do Ilê Aiyê 2003: “A rota dos tambores do Maranhão”;
- q)** Rompendo fronteiras: dança, corpos e multiculturalismo. Centro de Convenções, 3-10 de agosto de 2003;
- r)** Coordenação de Equipe Band'Erê no intercâmbio cultural Brasil-Alemanha. Frankfurt Alemanha: França, Paris
- s)** Cuiabá - Turnê do Ilê Aiyê. Março de 2001- Cuiabá;
- t)** Maranhão - São Luís. 16 a 23 de abril de 2002;
- u)** Coordenação da apresentação do Ilê Aiyê - Projeto de Dança - Adote um grupo de dança. Coordenação Dete Lima;
- v)** Acompanhamento do Ilê Aiyê no Rio de Janeiro e São Paulo.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS E COLETIVAS

- 1.** Fundação Cultural Palmares (individual) Encantos de Oxum;
- 2.** Exposição da Mãe Preta - Teatro Castro Alves (individual);
- 3.** Exposição de bonecas e painéis bordados a mão representando Orixás e personagens do mundo negro no projeto Herança Africana. Escola de Medicina Terreiro de Jesus, Outubro 1997. (coletiva);
- 4.** Exposição de trabalhos em panos bordados a mão, representando Orixás;

5. Evento de produção para profissionais norte americanos no Hotel da Bahia, Salvador, 1994;
6. Exposição com destaque bordado a máquina, Instituto Mauá 1997/8 Salvador;
7. Oficina de torço em programação do Ilê Aiyê em Los Angeles. EUA/Festival de Arte, 1993.

PROPÓSITO PROFISSIONAL

Desenvolver uma prática pedagógica prazerosa pela Arte, pela Cultura e pela Consciência Negra.

Homenagens, Prêmios, Referências em periódicos, revistas: Escola Mãe Hilda; Certificado Monumento Marco Zero do Equador, Um abraço negro a Dete Lima, Oxum-Dete Lima, Olorum Modupê, Dofona de Yemanjá, SEBRAE; Da comissão especial para assuntos da Comunidade Negra na Assembléia Legislativa, Mestres Populares da Cultura - Fundação Gregório de Mattos. 2006.

REFERÊNCIAS EM PERIÓDICOS, REVISTAS, FOLDERS, BANNERS AO TRABALHO DE DETE LIMA E DETE LIMA NO ILÊ AIYÊ

1. Principais dirigentes: Mãe Hilda, Vovô, Dete Lima e Elizete Matos dos Santos;
2. Ilê Aiyê traz Projeto cultural para Cuiabá. A diretora artística do Bloco Ilê Aiyê, Dete Lima, veste uma componente do bloco com a indumentária africana típica.
3. A Gazeta. Vida. 28 de março de 2001;
4. Revista RAÇA. Visual da Raça. Ano I n° 2; Inspirada nos Orixás, equipe do Barber Beauty mostra cabelo e maquiagem em feira de beleza. Alguns adereços e acessórios foram cedidos pela estilista Dete Lima;

5. A praia de Daniela. Daniela será a 1ª cantora branca a puxar o Bloco Afro Ilê. Durante a festa, Daniela exibira figurinos da estilista do Ilê;
6. A TARDE Caderno 2. seis visões dos Orixás. Coletivas de artistas plásticos; David Neto. Dete Lima, Fat. Galvão, Fac. Santos, Lema da Bahia e Magalhães Aguiar,
7. Diário oficial do Município - Artistas reverenciam Orixás em mostra coletiva no Pelourinho;
8. Ilê Aiyê, o mais belo dos belos. A beleza negra do Ilê, O mais belo dos belos, Vera Martins. 25 anos de canto à liberdade. Dete Lima uma filha de Oxum;
9. A TARDE 25/11/2006. Cultural. Perfil biográfico de 26 mestres baianos; A TARDE. Talita se prepara para o desfile do Ilê, Correio da Bahia. Folia. 25/02/2004. Ilê Aiyê comemora três décadas com homenagem a Mãe Hilda e desfile repleto de emoção. 30 anos de beleza e respeito; Dete mostrou como princesas negras se vestem. Estilista do Ilê. Conferência peças de indumentária- afro: Odebrecht Ano XXIV n° 83 Setembro/Outubro. 1997, Educação;
10. Correio da Bahia. Folha da Bahia 7 de abril de 2004. 25 telas ampliada pela artista. Visões dos Orixás plásticos baianos;
11. A TARDE Caderno 2-17/10/2002. Caetano “Casa” com Ilê.

L. Lembrando Lélia Gonzalez

Ser Gonzalez, um ponto importante nesse movimento pela mulher com total fundamento. Uma militante da luta do negro e saudosa guerreira mineira Nzinga brasileira. SANDRO TELES E MARNO PAM

Este texto sobre Lélia, escrito em 1998, foi produzido pela militante e pesquisadora Luiza Bairros. Reproduzimos partes significativas desse texto que lhe fará conhecer mais a Candace Lélia Gonzalez.

Conheci Lélia Gonzalez quando entrei para o Movimento Negro Unificado (MNU) em 1979. Ela era membro da Comissão Executiva Nacional, e a todos surpreendia pelo comportamento ousado, a risada de corpo inteiro, o linguajar popular, bem ao modo do falar salpicado de expressões acadêmicas, que até permitia que nós, os militantes mais novos, entendêssemos o que é epistemologia! Na época, não havia ninguém com a capacidade dela de pulverizar os argumentos racistas nos debates de que participávamos, de defender a legitimidade e a necessidade do movimento negro quando todos os setores auto-intitulados progressista nos acusavam de divisionistas da luta popular.

Lélia exerceu um papel fundamental na criação e ampliação do movimento negro contemporâneo. Mas, em termos pessoais, do que ela mais se orgulhava era de ter catalisado os anseios de uma parcela da juventude negra de Salvador, Bahia, no final dos anos 1970. A partir de um ciclo de palestras que ela realizou na cidade em maio de 1978 - "Noventa anos de abolição: uma reflexão crítica" -, várias pessoas que já discutiam a questão do racismo formaram o Grupo Nêgo, núcleo a partir do qual surgiria o MNU-Bahia. Este fato revela o que, para mim, foi o traço mais característico de Lélia na capacidade ímpar de nos instigar com a exuberância de sua fala e nos inspirar com a luminosidade própria de sua personalidade.

TRABALHANDO POR AÍ...

Lélia de Almeida Gonzalez, para quem “negro tem que ter nome e sobrenome, senão os brancos arranjam um apelido... ao gosto deles”, nasceu em 1º de fevereiro de 1935, filha de uma família operária de Minas Gerais, penúltima de dezoito irmãos. Entre séria e brincalhona, bem ao seu estilo, afirmava que só passou a admitir ser mineira depois que o MNU foi criado em Belo Horizonte. Aí, sim, dava orgulho ser de Minas.



Do pai negro ferroviário pouco falava, mas não se cansava de repetir que da mãe indígena, empregada doméstica, aprendeu as primeiras lições sobre a necessidade de ser independente. Um irmão jogador de futebol trouxe a família para o Rio de Janeiro, em 1942, e aí começa a trajetória da mineira que sempre se identificava como carioca e era torcedora incondicional do Flamengo, o time do irmão que tanto admirava. De “babá de filhinho de madame”, passou a estudante aplicada de História e de Filosofia, professora da rede pública, mestre em comunicação e em Antropologia, professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e doutoranda em antropologia política na Universidade de São Paulo.

Lélia contava que, inicialmente, para superar as barreiras impostas pelo racismo, preferiu negar sua condição racial, afastando-se da comunidade negra em termos ideológicos. Ela diz: “houve, por exemplo, uma fase na minha

vida em que fiquei profundamente espiritualista. Era uma forma de rejeitar o meu próprio corpo. Essa questão do branqueamento bateu forte em mim e eu sei que bate muito forte em muitos negros também. Há também o problema de que na escola a gente aprende aquelas baboseiras sobre os indígenas e os negros, na própria universidade o problema do negro não é tratado nos seus devidos termos. Esse processo só parou quando eu casei²". A forte reação contrária da família branca do marido e, mais tarde, o suicídio dele, levaram-na a uma total reavaliação. A psicanálise e o candomblé reconciliaram Lélia com sua condição de mulher negra, permitindo que ela imprimisse um novo rumo à sua vida e às suas análises acerca da cultura brasileira.

A partir de 1974, despertada para o conteúdo político da questão racial, Lélia passou a participar das discussões que então reuniam ativistas negros no Rio de Janeiro. Procuravam analisar a histórica subordinação dos negros no Brasil, avaliar os efeitos da ditadura militar sobre a organização dos negros, bem como estudar sobre a situação e a luta dos negros em outros países. Estas inquietações afloravam ao mesmo tempo em que os negros do sul do Brasil promoviam uma agitação político-cultural baseada na soul music, como que numa preparação intensiva para o movimento aberto de combate ao racismo que eclodiria mais tarde. Os militantes cariocas, então, tinham dois encontros por semana "para preparar dois tipos de texto: um, com o noticiário a respeito de atos de discriminação e, outro, relativo

ao período pré-colonial na África. Aos sábados, reunião geral. No domingo, estava todo mundo na Noite do Shaft, no Renascença. A cada reunião, o grupo crescia"³.

A partir deste ponto, toda a atuação de Lélia será marcada pela certeza de que o combate ao racismo é a sua tarefa principal. Para ela, a chave para entender a questão racial no Brasil está na compreensão das matrizes da cultura brasileira, onde a vertente negra exerce influência quase que total. Além disto, enfatizava, talvez em consequência de sua experiência pessoal, que o branqueamento é um dos obstáculos maiores a serem vencidos - se quisermos, enquanto negros, efetivamente mudar a cara do país. Na sua opinião, a ideologia do branqueamento é a forma mais eficaz do racismo na América Latina porque "reproduz e perpetua a crença de que as classificações e os valores da cultura ocidental branca são os únicos verdadeiros e universais. Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca comprova sua eficácia pelos efeitos de estilhaçamento, de fragmentação da identidade étnica por eles produzidos; o desejo de embranquecer (de 'limpar o sangue', como se diz no Brasil), é internalizado com a negação da própria raça, da própria cultura"⁴. Contudo, o estímulo ao branqueamento não pode concretizar-se totalmente por causa da ação de organizações negras, como o Ilê Aiyê da Bahia, "pioneiras no sentido de demonstrarem que cultura é política com P maiúsculo, na medida em que, da maneira mais didática e prazerosa, fazem com que nos-

Antonio Candeia Filho era policial, afastado das funções após tornar-se paraplégico em consequência de um tiro que o atingiu quando em serviço. Tornou-se liderança fundamental no movimento de resgate das tradições negras das Escolas de Samba cariocas e contra o crescente domínio destas por setores estranhos à experiência negra no Brasil.

sa etnia tome consciência do seu papel de sujeito de sua própria história e de sua importância na construção não só deste país, como na de muitos outros das Américas”⁵.

Entre 1976 e 1978, Lélia ministrou cursos de Cultura Negra no Brasil na Escola de Artes Visuais, no Parque Lage, um importante espaço cultural do Rio de Janeiro naquele período. Além disto, a entusiástica adesão, em 1976, ao Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba exemplifica sua busca constante por eliminar a equivocada oposição entre cultura e fazer político que tanto marcou, e ainda marca, as discussões no Movimento Negro. O enredo da Escola de Samba Quilombo, em 1978, falando dos noventa anos da abolição, foi escrito por Antônio Candeia Filho e baseado no trabalho de Lélia e de nomes já reconhecidos nos estudos sobre o negro. Surpresa com a menção a seus escritos, Lélia disse a Candeia “que ainda não tinha um trabalho digno de ser mencionado ao lado daqueles ‘cobras’... Ele retrucou, dizendo que sabia muito bem do trabalho que eu vinha realizando ‘por aí’ e que isso era tão importante quanto os livros dos ‘cobras’”⁶. Foi assim que Lélia, ao perceber o alcance de seu trabalho dentro da comunidade negra, começou a refletir sobre sua responsabilidade como militante.

A intensificação dos contatos entre ativistas negros de vários estados, principalmente de São Paulo e do Rio

de Janeiro, culminou na fundação do Movimento Negro Unificado (MNU), em 18 de junho de 1978, e no ato público que em 7 de julho do mesmo ano lançou a entidade nacionalmente, assim inaugurando uma fase decisiva nas lutas recentes do negro no Brasil. Lélia participou ativamente deste processo, e no ato público aparece como representante da Escola de Samba Quilombo por delegação de Antônio Candeia, que tanto a respeitava. Para ela, o advento do MNU “consistiu no mais importante salto qualitativo nas lutas da comunidade negra brasileira na década de 1970” pois, ao tirar o negro brasileiro da invisibilidade, forçou outras entidades, principalmente as que se autodefinem como culturais, “a se posicionarem de maneira mais incisiva; justamente porque o MNU conquistou espaços políticos que exigiram esse avanço por parte delas”⁷.

Em análises posteriores, já tendo se desligado do MNU, Lélia lamentava a perda do impulso inicial do movimento devido à falta de um instrumento de trabalho, um programa de ação mínimo inviabilizado não por dificuldades políticas impostas pela sociedade racista, mas, talvez principalmente, por questões éticas. “A gente percebe que existem algumas exigências éticas para dentro do movimento, e que o Movimento Negro ainda não tomou consciência delas. É essa solidariedade que vai permitir que você não se envolva com as formas de cooptação que vêm de fora”⁸.

TEMPO DE PARTIDOS

As cautelas de Lélia em relação à cooptação não fizeram dela uma militante avessa à participação em setores políticos fora do Movimento Negro. Pelo contrário, ela temia que sucumbíssemos às tentativas do sistema de nos guetizar. Entre os membros da Comissão Executiva Nacional do MNU, ela foi uma das primeiras a candidatar-se a um cargo eletivo, concorrendo a deputada federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT) no Rio de Janeiro, em 1982. Talvez tenha sido este o momento em que o MNU começou a pavimentar o caminho para o gradual afastamento de Lélia da entidade. Na época, a necessidade de garantir o caráter suprapartidário da entidade fez com que se tirasse uma posição no sentido de que candidatos não poderiam permanecer em cargos de direção. Uma exigência que hoje soa absurda fazia perfeito sentido numa época em que a cultura política predominante levava os partidos a “aparelharem” os movimentos sociais, assim sufocando os interesses prioritários do movimento em favor das chamadas questões gerais, colocadas pelos partidos.

Mas a visão de Lélia com relação aos setores de esquerda nunca deixou dúvidas. Para ela, estes também são instrumentos da articulação entre o mito da democracia racial e a ideologia do branqueamento, criados pelo liberalismo paternalista que a esquerda diz combater. Isto produz manifestações que vão desde a demonstração inequívoca de que “não gostam de ‘preto’ até a atitude democrática que nega a questão racial, diluindo-a mecanicamente na luta de classes”⁹. Além disto, a participação negra em todos os setores era por ela entendida como uma necessidade para conter a dominação dos grupos sociais

minoritários, geralmente representados pelo macho-adulto-branco. Veja-se, por exemplo, “o quadro da classe política: é a mesma coisa desde que o Brasil é Brasil. É o cara, daqui a pouco é o filho dele, daqui a pouco é o neto dele, o poder rola nas mesmas mãos e nós ficamos de fora, nós que somos o povo - o movimento negro cultural está cansado de mostrar que nós somos o povo, já provou isso tranquilamente para todo o mundo”¹⁰.

Em 1986, por sugestão de Abdias do Nascimento, Lélia tem uma conversa com Leonel Brizola, figura mais destacada do Partido Democrático Trabalhista (PDT), e entusiasma-se com o fato de o PDT colocar a questão racial entre as prioridades do partido - junto com questões da mulher, da criança e do trabalhador. Lélia percebeu, então, que Brizola, apesar das práticas equivocadas, era uma das poucas lideranças de expressão nacional que entendia o peso da questão racial no país.

Analisando algumas peças de campanha dos dois momentos, o que chama a atenção é que a mudança de partido não provocou alterações na plataforma de Lélia como candidata, numa demonstração inequívoca de que seu programa político originava-se no compromisso com as lutas do Movimento Negro que ela ajudou a construir, tendo pouco a ver com as contramarchas da questão racial no interior dos partidos¹¹. Os quatro anos que separam as duas campanhas não apagaram a necessidade de levantar bandeiras em defesa dos direitos e contra o racismo,

11 Sua filiação ao PDT não a impediu de respaldar a organização dos negros em outros partidos, como atestam os artigos que escreveu para o jornal Raça & Classe. Comissão do Negro do PT Distrito Federal.

12 Lembro aos leitores que o termo América Latina teria sido cunhado por Napoleão no início do século XIX como forma de resgatar as origens latinas comuns à França, Portugal e Espanha, assim justificando suas pretensões imperiais na Europa e o consequente direito da França sobre os territórios ocupados por Portugal e Espanha nas Américas.

o sexismo e a homofobia que atingem negros, mulheres e homossexuais, tendo como pano de fundo a questão do reconhecimento e valorização das diferenças culturais.

AMEFRICANIDADE

Até a metade dos anos 1980, Lélia talvez tenha sido a militante negra que mais participou de seminários e congressos também fora do Brasil, sempre levando um discurso forte, provocativo e emocionado sobre a política racial brasileira, contribuindo para revelar a democracia racial como mito. Nos Estados Unidos e em vários países da África, da América Central, do Caribe e da Europa, estivemos presentes através dela. E com ela aprendemos outros modos de pensar a diáspora africana, sintetizada em sua proposta da categoria amefricanidade para definir a experiência comum dos negros nas Américas.

Baseando sua própria reflexão em, entre outros, um texto de M.D. Magno (“Améfrica Ladina: introdução a uma abertura”, Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, 1981), Lélia negava a latinidade das Américas considerando, por um lado, a preponderância de seus elementos ameríndios e africanos; e por outro lado a formação histórica da Espanha e de Portugal, que só pode ser entendida tomando-se como ponto de partida a longa dominação da Península Ibérica pelos

mouros¹². Neste último aspecto, estaria a chave para entender porque, nas sociedades americanas, constituiu-se uma rígida hierarquia social definida a partir do pertencimento étnico. Assim, o racismo na América Latina, para além de fatores histórico-culturais, também revelaria, em termos psicanalíticos, uma neurose cultural que busca por todos os meios suprimir "aqueles que do ponto de vista étnico são os testemunhos vivos da ladinoamefricanidade negada"¹³.

No pensamento de Lélia, o núcleo da amefricanidade é constituído pela cultura negra que, informando toda a cultura brasileira, se expressa "na cotidianidade de nossos falares, gestos, movimentos e modos de ser que atuam de tal maneira que deles nem temos consciência. É isso que caracteriza a cultura viva de um povo". Entretanto, a cultura negra "não é apenas o samba, o pagode, ou o funk, mas ela também é o rock, o reggae, o jazz. Ela não é apenas a Umbanda ou o Candomblé, mas é também o transe das igrejas carismáticas, católicas e protestantes. Ela não é apenas o 'nós vai' com 'nós come'. Mas a musicalidade e as pontuações discursivas que nos diferenciam dos falares portugueses e africanos"¹⁴.

Entre os pilares da amefricanidade, Lélia destacava algumas figuras fundadoras que, enquanto parte de nossa ancestralidade mítica, estão referenciadas em propostas alternativas de organização social: os quilombos e, em outras

15 Discurso de posse de Hilton Cobra como Diretor do Centro Cultural José Bonifácio, Rio de Janeiro, escrito por Lélia em maio de 1993.

16 "O movimento negro na última década", p.57. É importante lembrar que o 20 de novembro foi proposto, no início dos anos 1970, pelo Grupo Palmares, de Porto Alegre, RS. Em novembro de 1978, reunido em Assembleia Nacional em Salvador, BA, o MNU estabeleceu a data como Dia Nacional da Consciência Negra.

partes das Américas, organizações similares designadas como cimarrones, cumbes, palenques e maroon societies. Tais experiências são patrimônio dos negros em toda a diáspora africana. Por isto, os escritos e a fala de Lélia constantemente referem-se a Zumbi dos Palmares - não como mera alusão a um passado longínquo, mas como atualização histórica e simbólica das demandas do povo negro hoje. A imortalização de Zumbi, através da instituição do 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra, foi, portanto "um ato político de afirmação da história do povo negro, justamente naquilo em que ele demonstrou sua capacidade de organização e de proposta de uma sociedade alternativa"¹⁵. A incorporação dessa data pela sociedade como um todo pôde ocorrer porque "a morte de Zumbi transfigura-se no ato que, por excelência, aponta para a vida. Ao morrer, Zumbi continuou vivo, permanecendo na consciência de seu povo e também na dos opressores desse povo"¹⁶.

CRIANDO CASO

Autodefinindo-se como feminista, Lélia participou de várias organizações de mulheres sem nunca se furtar à crítica ao feminismo, enquanto teoria e prática¹⁷. Ainda que reconhecendo a existência de feministas comprometidas com a questão racial - a quem chamava de irmãs -, Lélia via o feminismo como um movimento de mulheres brancas,

17 Além de deflagrar a discussão sobre a mulher negra no interior do MNU, Lélia fundou o NZINGA-Coletivo de Mulheres Negras do Rio de Janeiro, em 1983, juntamente com Elizabete, Mira Corrêa, Jurema Batista e Rosália Lemos, entre outras, e esteve entre as primeiras conselheiras do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher/CNDM

18 Entrevista MNU Jornal, n. 19, maio/junho julho de 1991, p. 9.

onde ela era a criadora de caso. Isto porque no “interior do movimento havia um discurso estabelecido com relação às mulheres negras, um estereótipo: as mulheres negras são agressivas, são criadoras de caso, não dá para a gente dialogar com elas etc.”. Para ela, a dificuldade das feministas em reconhecer a diversidade interna do movimento, aspecto particularmente problemático na América Latina, onde a maioria ameríndia e amefricana tende a ser excluída, advinha de um processo de recalque da dimensão racial que só começou a esvaír-se lentamente a partir de 1985, com a Conferência da Década da Mulher, em Nairóbi. Assim, refletindo sobre as contradições internas do feminismo latino-americano, por um lado Lélia reconhece a contribuição que a teoria e a prática feministas tiveram em nível internacional, e seu papel propulsor na discussão da homossexualidade, a partir do debate sobre sexualidade em geral. Por outro lado, alertava que a ausência da dimensão racial indicava, no mínimo, uma falta de reciprocidade, considerando que, nos Estados Unidos, por exemplo, os movimentos homossexual e feminista foram grandemente impulsionados pela luta política dos negros por direitos civis. Desta perspectiva, sexismo e racismo seriam variações de um mesmo tema mais geral que tem “n” diferenças biológicas (reais ou imaginadas) como ponto de partida para o estabelecimento de ideologias de

dominação. O “esquecimento” da questão racial deve ser interpretado como um caso de racismo por omissão, que se origina de perspectivas eurocêntrico-colonialistas da realidade latino-americana. É importante notar que esta ação se insere na perspectiva de Lélia sobre amefricanidade, onde o racismo que subordina mulheres indígenas e negras decorre de uma visão falaciosa de latinidade que legitima a inferiorização dos setores sociais cuja cultura e história não são referência. O tema do eurocentrismo que, ao descartar, ou pelo menos subestimar, as dimensões indígena e negra na construção das Américas, compromete o do feminismo latino-americano.

CONCLUINDO

O período entre 1974 e 1988 parece ter sido um dos mais intensos na trajetória de Lélia, totalmente marcado pela sua atuação no Movimento Negro que ajudara a criar. Uma vida militante curta para alguém com tão larga contribuição. Mas mesmo quando distante da linha de frente, e mais voltada para suas atividades como professora, continuava sendo uma referência para muitos militantes, especialmente as mulheres. Nos recebia em sua casa para uma cerveja, muitas risadas, longas avaliações de conjuntura e alguns merecidos puxões de orelha. Em 1991, atendida com as mudanças que se buscava fazer no MNU, Lélia aceitou reintegrar-se à entidade, tendo contribuído com artigos para o jornal e participado do Primeiro Encontro de Mulheres do MNU, onde debateu a questão das mulheres negras a partir de uma leitura em que buscava resgatar a espiritualidade dos negros (não a religiosidade, como fez questão de frisar) como elemento principal na diferenciação entre luta política e a de outros setores.

As posturas políticas e teóricas assumidas por Lélia frequentemente provocavam polêmicas; também atraíam as pesadas críticas a que negros intelectuais estão desproporcionalmente submetidos, especialmente no caso de mulheres donas de suas próprias ideias e de suas próprias vidas. Assumindo perspectivas que entendem ser mais coerentes com a experiência de seu povo, os negros intelectuais geralmente são vistos com desconfiança por buscar desconstruir os cânones do pensamento acadêmico que reforçam mais do que desafiam o racismo insidioso. Talvez, por isto, Lélia, há anos professora de Cultura Brasileira na Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro, tenha custado tanto a se tornar Chefe do Departamento de Sociologia e Política. Após algumas tentativas frustradas, apesar do apoio que tinha entre os estudantes, só foi eleita em maio de 1994 para o único cargo que a vi desejar durante nosso período de convivência.

Num certo sentido, penso que Lélia sofreu pelo pioneirismo, num momento em que parte da militância via os intelectuais, geralmente brancos, acima de tudo como produtores de um conhecimento que alienava nossa trajetória enquanto negros no Brasil. Cabe notar que uso o termo pioneirismo, mas não quero sugerir que Lélia tenha sido a primeira intelectual do movimento negro contemporâneo. Desde o início dos anos 1970, outros negros como o antropólogo Eduardo de Oliveira e Oliveira, de São Paulo, e a historiadora Maria Beatriz Nascimento, do Rio de Janeiro, também desenvolviam contribuições inestimáveis para a consolidação do nosso pensamento e atuação política. Considero, entretanto, que parte da singularidade de Lélia para o conjunto da militância deveu-se, até a metade dos anos

1980, à sua participação no MNU, uma entidade de caráter nacional que lhe proporcionava contato direto com mulheres e homens negros em vários cantos do país e servia de moldura perfeita para uma retórica mais radical.

Desde que trocou sua situação de companheira de luta para a de ancestral, no dia 11 de julho de 1994, Lélia tem sido motivo de algumas homenagens. Uma delas foi a Primeira Jornada Cultural Lélia Gonzalez, em 1997, pensada por suas organizadoras como um espaço de diálogo, convivência, reflexão, de lazer e troca entre as mulheres negras intelectuais, artistas, militantes e profissionais de diversas áreas. Deste modo, com o apoio da Fundação Palmares, cerca de 70 mulheres negras de várias partes do país reuniram-se numa oportunidade rara de pensar e exercitar formas de conviver com respeito em meio às diferenças. Presente à jornada esteve outra figura de mulher que influenciou negras e negros em todo o mundo: Angela Davis. Para mim, ainda é difícil analisar devidamente os múltiplos significados incorporados naquele momento, mas sei que nossa experiência na diáspora africana e nossa trajetória de movimento negro no Brasil é que tornaram possível a convergência das contribuições de Lélia Gonzalez e de Angela Davis para o nosso existir enquanto mulheres e homens negros aqui e agora.

Naquele dezembro de 1997, em São Luiz do Maranhão, prevaleceu, mais uma vez, a capacidade inspiradora de nossa amazona de torço estampado de esperança, pois tenho certeza de que passamos a entender um pouco mais suas preocupações com as questões éticas no interior do movimento negro, e com o papel único, mas não insubstituível, que cada um(a) de nós tem na luta contra o racismo e o sexismo.

M. Candace Ruth de Souza

Ruth de Souza sempre sonhou ser atriz
Realizou seu sonho e é feliz
No teatro, cinema e televisão
Essa Candace só nos da inspiração
PAULO NATIVIDADE

“Desde pequena sempre fui exibida, sempre gostei de contar história. Fui para o interior ainda pequena. Meu pai, Sebastião Joaquim Souza, tinha um sítiozinho no interior de Minas Gerais, onde fomos morar logo que nasci. Nasci no Engenho de Dentro, no Rio, mas fui criada em Minas Gerais, onde vivíamos com dignidade. Fui uma criança feliz. Quando voltamos para o Rio, eu já estava com nove anos. Foi logo depois de meu pai falecer. Fomos morar em Copacabana, onde minha mãe, Alaíde Pinto de Souza, começou a lavar roupas para nos sustentar”.

“Quando ainda era muito pequena e nem pensava em ser atriz, eu já tinha aquele encanto, aquele sonho mágico com o cinema, que sempre teve uma influência muito grande na minha vida. Através dos musicais, dos dramas, das histórias, a gente pode sonhar. Eu tinha uma vontade muito grande de conhecer tudo aquilo, mas aí havia aquela história de ouvir: como é que você vai ser artista, você é negra!” Não tinha negro nem no próprio cinema americano, ou melhor, o negro era muito mal-tratado, mal- representado. A presença negra era sempre de criadas e criados ou caricaturas”.

Ruth foi uma desbravadora no cinema brasileiro, no qual estreou em 1948 com o filme Terra Violenta. No Brasil daquela época, em que o negro estava praticamente fora das telas, Ruth abriu caminhos e trabalhou para as Com-

panhias Atlântida e Vera Cruz. “O fato é que realmente não existia espaço para o ator negro. Era uma realidade da época. Hollywood também massacrava seus atores negros. Isso é uma verdade. Até recentemente ainda era assim. Aqui também o ator negro precisa de espaço. Brasileiro gosta muito de imitar o que os outros fazem lá. Tanto que enfrentei isso quando fui fazer o filme 'Terra é sempre Terra', não tinha meu primeiro trabalho na Vera Cruz”

Ruth enfrentou com armas próprias o monstro do preconceito racial Brasil. “Ainda são poucas, mas quando comecei, era a única”. Ser diferente, ser a primeira, ser pioneira fez parte da vida e da trajetória profissional de Ruth. Na juventude, sempre que expressava o desejo de tornar-se atriz, ouvia: “Você não pode ser atriz porque é negra”. Até hoje lembra da frase, mas agora com o orgulho de quem construiu uma trajetória profissional marcada por determinação, qualidade e, sobretudo, muito talento.

O TEN – O TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO

“O Teatro Experimental do Negro (TEN) foi uma experiência maravilhosa. Desde o início. Foi uma ousadia saudável, uma grande inovação para a época”.

“Na minha carreira, os primeiros passos, o primeiro caminho, foi com o Teatro Experimental do Negro. Quando começamos com o TEN, em 1945, foi quase tudo um milagre. Eu me dirigi ao TEN porque naquela época não havia escolas de teatro. Eu não sabia por onde começar. Não dava para chegar nas companhias de teatro da época e simplesmente dizer: “Eu quero ser atriz”. Assim, quando soube que um grupo de negros estava se reunindo na UNE - União Nacional de Estudantes - para formar uma companhia, fui

lá para ver o que era, por curiosidade, sem imaginar que pudesse ser escalada ou algo assim. Eu tinha 17 anos e queria fazer teatro. Mas como? Com quem? Onde?”.

“Entrei para o TEN porque queria ser atriz! Não tinha consciência do que era tudo aquilo, do que tudo representava para a época. O movimento foi crescendo, ganhando espaço e atraindo gente. O mundo artístico, o teatro é uma coisa mágica, que atraiu muita gente. Todo mundo quer ser ator!”.

“Foi uma experiência muito bonita, que marcou muito. O TEN estreou no Teatro Municipal, em 1945, com a peça de O’Neill, ‘O Imperador Jones’ e encerrou suas atividades também no Municipal, em 1957, com uma peça de Abdias do Nascimento, ‘Sortilégio’, tendo como atriz principal a minha amiga Léa Garcia”.

“Era uma época muito intensa para todos nós. O TEN foi uma grande ousadia do Abdias Nascimento, fundador do teatro. Quando havia uma peça em que tinha um personagem negro, eles pintavam de preto um dos atores brancos. Então o Abdias do Nascimento resolveu criar o TEN. Na verdade, criamos juntos, eu, Abdias, Aguinaldo Camargo e muitos outros. Queríamos provar que o negro também podia ser ator. Não dava para acreditar em um Brasil mulato como somos, não ter um ator negro! Era um absurdo!”.

“Mas a verdade é que não havia, na época, espaço para o ator negro porque as peças que as companhias de teatro montavam eram sempre estrangeiras, principalmente as comédias francesas, italianas, onde realmente não havia - ou havia poucos - personagens negros. E eram pouquíssimos os autores brasileiros. As montagens e a forma de representar eram muito europeias”.

“O TEN, por sua vez, veio mudar isso. Primeiro montamos 'O Imperador Jones', que era uma peça de um ato sobre um ditador do Haiti, dirigido pelo próprio Abdias do Nascimento. Depois montamos 'Todos os Filhos de Deus Têm Asas' e 'Moleque Sonhador', ambas do O'Neill. Depois disso, montamos 'Terra do Sem Fim', baseado no livro do Jorge Amado, em que juntamos dois grupos, o TEN com os Comediantes. Nosso grupo foi crescendo. Passamos a ter peças escritas especialmente para nós. Já não eram apenas adaptações de textos estrangeiros. Todo ano montávamos uma peça. Nelson Rodrigues escreveu O Anjo Negro para o TEN. Enfim, nessa época, começaram a aparecer muitas peças que eram escritas especialmente para o nosso teatro”.

RUTH DE SOUZA E O CINEMA BRASILEIRO

Com uma carreira de mais de 30 filmes, Ruth de Souza não esconde sua predileção por três deles. “Tenho muito orgulho de 'Terra é Sempre Terra', 'Sinhá Moça' e 'Assalto ao Trem Pagador', que forma trabalhos que me renderam muitos prêmios, incluindo o prêmio Saci. 'Terra é Sempre Terra' e 'Sinhá Moça' são de minha época de Vera Cruz”, diz. Outros filmes que Ruth de Souza participou: "Osso, Amor e Papagaios", "A Morte Comanda o Cangaço", "Cabeleira", "O Homem Nu", "Ladrões de Cinema", "Jubiabá", "Um Copo de Cera", "Aleijadinho" e "Filhas do Vento", de Joel Zito Araújo, de 2004.

RUTH DE SOUZA E O TEATRO BRASILEIRO

Além das montagens citadas anteriormente, Ruth de Souza participou das seguintes montagens teatrais: "Vestido

de Noiva", de Nelson Rodrigues, "O Quarto de Despejo", de Edy Lima, "Vereda da Salvação", de Jorge Andrade, "Réquiem para Uma Negra", de William Faulkner, "Zumbi", de Gianfrancesco Guarnieri, de Augusto Boal e Edu Lobo e Orfeu da Conceição de Vinicius de Moraes.

RUTH DE SOUZA E A TELEVISÃO BRASILEIRA

Além de inúmeras novelas, Ruth de Souza fez outros trabalhos para a televisão, a exemplo de: "A Grande Família" e "Natal em Sucupira" (1974), "Caso Verdade: Quarto de Despejo" (1983), "Memorial de Maria Moura" (1994).

N. Candace Leci Brandão

Leci Brandão nasceu em Madureira
Compositora, líder negra brasileira
Ilê traz em sua trajetória
Mais uma Candace é um marco da nossa história
PAULO NATIVIDADE

O Ilê Aiyê, o afro-pioneiro com a legitimidade de seus 34 anos de história, lutas e vitórias, consagra com o título de CANDACE a uma reconhecida pereira, uma Rainha do Samba - Leci Brandão.

A sua história é forjada no reconhecimento público que consagra seu talento musical de cantora, compositora, artista negra engajada, comprometida com causas sociopolíticas e culturais, que a levam a emprestar a sua voz e seu compromisso a lugares onde o povo negro está.

A consciência política de Leci é também consciência negra que ela assume e paga o preço do compromisso em diferentes momentos de sua própria trajetória.

São múltiplos momentos nos quais Leci canta, compõe e lidera a organização do povo oprimido com seu canto, sua garra, seu jeito-talento de ser e reunir pessoas conscientes. Citamos alguns.

A defesa das minorias em eventos promovidos por sindicalistas, estudantes, povos indígenas, lésbicas, gays, partidos de esquerda, movimento de mulheres e, principalmente, o Movimento Negro. Rescinde seu contrato com a Polygram por motivos ideológicos - não aceitam suas composições de temas sociais, entre as quais a música "Zé do Carço". Canta a Zumbi dos Palmares e cidadãos negros do Brasil; é atriz na novela "Xica da Silva" interpretando Severina, uma líder da resistência do quilombo; é conselheira da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) a convite do Presidente Luís Inácio Lula da Silva. Participa em Cuba do XVIII Festival Raízes Africanas - WEMILERE. Canta no Fórum Social Mundial no Rio Grande do Sul. Recebe moção de reconhecimento da Assembleia Legislativa do Mato Grosso pelo Dia Internacional Contra o Racismo.

Também grava o CD e vídeo clipe do rapper Rappin' Hood ("Sou Negão"). Recebe a medalha Cruz e Souza da Câmara Municipal de Florianópolis. Lança sua música de trabalho "Perdoa" no presídio masculino de Hortolândia-SP. É homenageada com enredo nos desfiles do Bloco ILU - OBA (mulheres que tocam tambor). Cantou no Encontro Mundial dos Povos africanos - Salvador e Brasília. Fez show no Evento Miss Angola. Fez show no tradicional Carnaval do Recife. Também discursou representando a Sociedade Civil Brasileira na 1ª Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial; lançou o CD "Dignidade",

dedicado à lansã, sua mãe e protetora; participa ativamente de inúmeros shows beneficentes em defesa de todas as minorias e lança o premiadíssimo disco "Cidadã Brasileira".

ORIGEM PESSOAL E FAMILIAR

Nascida em Madureira, criada em Vila Isabel, a primeira mulher a fazer parte da ala de compositores da Mangueira, Leci acima de tudo é uma batalhadora que lutou muito para conquistar seus espaços. Filha de família de trabalhadores, por necessidade de ajudar no orçamento familiar, ainda muito nova trabalhava de dia e estudava à noite. Apesar dos obstáculos persistiu, conseguiu empregos na DATAMEC, TELERJ e por fim na Faculdade Gama Filho, chegando ao cargo de chefia.

Leci Brandão, Candace nomeada pelo Ilê Aiyê, além de todas estas participações junto com o povo, com as populações negras e indígenas, tem um caminho de cidadã, de musicista, onde é premiada, condecorada, convidada a gravar, compor, cantar, animar eventos da sociedade civil, dos movimentos sociais organizados e do Movimento Negro, a quem privilegia em suas escolhas e parcerias.

Em 1973, o crítico musical e jornalista Sérgio Cabral descobriu Leci e a convidou para gravar um disco. Naquela época, ela cantava no Teatro Opinião, na noitada de samba sob o comando de Jorge Coutinho. No mesmo ano, Sérgio levou Leci para a Discos Marcus Pereira, onde gravou seu primeiro compacto simples. Em 1975, ela gravaria o primeiro LP e receberia inúmeros prêmios de crítica.

De lá até aqui foram 23 discos e várias compilações em vinte e nove anos de carreira. Durante cinco anos, Leci ficou sem gravar por absoluta questão política. As

gravadoras não aceitavam suas canções marcadas pelas letras sociais. Todos os discos de Leci dos últimos 15 anos contêm uma faixa falando do assunto de forma direta, transparente e apaixonada. É a cantora das comunidades e sente muito orgulho por isso.

Em janeiro de 1968, ela participou do programa “A Grande Chance”, de Flávio Cavalcanti e foi a vencedora da noite. Concorrendo na categoria compositora, foi chamada por Paulina Gama Filho, filha do Ministro Gama Filho, para trabalhar no Departamento Pessoal da Universidade, em função da bela apresentação no programa e para reparar a injustiça praticada pela Telerj.

Em 1970, ainda na Gama Filho, já como sub-diretora de pessoal, realiza-se o primeiro Festival de Música da Universidade. Leci participa e fatura o prêmio de revelação e o segundo lugar na classificação geral.

Em 1972, Leci ingressa na ala de Compositores da Mangueira levada pelas mãos de Zé Branco. Em 1973, Ligia Santos, filha de Donga, conhece Leci cantando nas rodas de samba da Mangueira e apresenta Leci a Sérgio Cabral, jornalista, crítico de música e descobridor da artista. Ainda na Mangueira, o ator e produtor Jorge Coutinho levou Leci para fazer parte do elenco das Noitadas de Samba do Teatro Opinião. Neste ano, ela fez parceria com Darcy da Mangueira e estourou com o samba “Quero Sim”. Em 1974, Sérgio Cabral lança Leci no show “Unidos do Pujol”, em Ipanema. Neste show participavam Dona Ivone Lara e Alcione com o saudoso Roberto Ribeiro, que era apresentado por Sérgio Cabral e Albino Pinheiro. Em 1975, Leci participou do Festival Abertura, da Rede Globo, e foi finalista com o samba “Antes Que Eu Volte a Ser Nada”,

que acabou rendendo a Leci a assinatura de contrato com a gravadora Marcus Pereira, lançando seu primeiro LP com o mesmo título da música. Nesta época, Leci conheceu São Paulo através de Aluizio Falcão, Pelão, Marcus Pereira, Zuzi e a turma do Jogral; chegou a cantar com Cartola na mesma gravadora. Em 1976, ela assinou um contrato com a Polygram e gravou o segundo LP, “Questão de Gosto”, produzido por Zeno Bandeira e apresentado por Martinho da Vila. Em 1977, gravou o terceiro LP, “Coisas do Meu Pessoal”, e a música “Ombro Amigo” entrou na trilha da novela Espelho Mágico, da Rede Globo.

CAMINHO INTERNACIONAL DE LECI

Paris—Teatro Morgador

Japão—World Popular Song

Dinamarca—Copenhagen (Carnaval)

Montmartre—International Jazz Montmartre

África —Radio Nacional de Angola

EEUU—Nova York—CD ATITUDE

No BALL ROOM

Coletânea. “UM OMBRO AMIGO”

Suíça—Festival de MONTREAUX

A Candace Leci Brandão é uma cidadã, é um prêmio à sociedade brasileira, por sua participação, suas contribuições e, sobretudo, pelo seu valor pessoal e seu compromisso com a sociedade brasileira e seus processos de transformação.

O. 25 Anos do Grupo de Mulheres do Alto das Pombas

HISTÓRICO DO GRUPO DE MULHERES DO ALTO DAS POMBAS

O Grupo de Mulheres do Alto das Pombas teve seu início no final da década de 1970, ainda no regime militar, na sombra da ditadura e ressurgimento dos movimentos sociais. As mulheres do Alto das Pombas configuraram-se como um dos primeiros grupos constituídos por mulheres negras e pobres. Em 8 de Março de 1982, em vista das comemorações do Dia Internacional da Mulher, o grupo rompe com a terminologia de Grupo de Mães e passa a ser Grupo de Mulheres do Alto das Pombas, assumindo a missão de lutar pela justiça social e contra a discriminação racial e a violência contra a mulher.

O Grupo de Mulheres do Alto das Pombas, em sua trajetória de 25 anos de existência, vem acumulando experiência no movimento popular com princípios que têm mantido a sua legitimidade, autonomia e o seu protagonismo diante da comunidade e perante as instituições, partidos políticos, entidades, ONGs e movimentos sociais. São teias de relações construídas que garantem a defesa de políticas públicas para os moradores, como a reabertura da Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima, que teria sido desativada pela Secretaria Estadual de Educação, em 1986; a defesa de saneamento e urbanização, em 1988; a reabertura do Posto de Saúde na comunidade, em 1990; a revitalização e reforma da lavanderia, em 1992; a reforma e implantação do PSF (Programa da Saúde da Família) no Posto de Saúde e a reforma da Escola Municipal Tertuliano Góes, em 2000.

A teia de relações internas com a comunidade é consolidada a partir do princípio da participação e organização do povo. Neste sentido, o Grupo de Mulheres mantém laços de solidariedade e articulação com a Sociedade de Moradores São Salvador (entidade jurídica e representativa da comunidade), com o Grupo Panteras Negras e o grupo de jovens, que discute direitos humanos e busca implementar ações antirracistas. Este grupo é um dos maiores aliados do Grupo de Mulheres na comunidade, pois tem sido um desafio proteger a juventude negra perante a morte. Os dados têm demonstrado a vulnerabilidade da situação dos jovens negros que apresentam as mais baixas taxas de atividade e mais altas taxas de desemprego. Os jovens negros, entre 15 e 18 anos, nas áreas metropolitanas do Brasil, têm taxas de desemprego superiores à média para a população adulta (cerca de 8%), com uma variação entre 17% e 23%. As relações do Grupo de Mulheres também acontecem com os grupos culturais e religiosos (Terreiros de Candomblé e Igrejas Católicas e Protestantes), buscando a organização popular do Alto das Pombas.

Neste legado político de compromisso de lutar pela justiça social, contra a discriminação racial e a violência contra a mulher, o Grupo de Mulheres consolidou parcerias estratégicas que têm mais de 10 anos de laços com a UFBA (Universidade Federal da Bahia), em especial com a Faculdade de Medicina, Odontologia e Psicologia, e a cada início de semestre a Universidade e o Grupo de Mulheres desenvolvem ações onde estudantes, professores e a população em geral buscam pensar saúde na perspectiva dos sujeitos que passam pelo crivo de uma análise crítica de três pontos básicos: poder, respeito e pluralidade.

Com os Movimentos Negros, em especial participando de diversas atividades desta entidade — como organização e participação do I Encontro de Mulheres Negras, em 1982 — recentemente fortaleceram a Campanha Reaja: Ou Será Morto ou Morta, em 2005 (campanha que buscou denunciar o genocídio da juventude negra). Também na relação com o Movimento Feminista, vem enfrentando o desafio de elaborar uma política cultural que desestabilize a estrutura machista, classista e racista, assumindo o seguinte debate temático: a) a diferença de posição entre homens e mulheres nas relações capital/trabalho; b) a combinação entre o público e o privado, que afeta formas de venda da força de trabalho, c) questionamentos de princípios iluministas como o de um “sujeito universal” o homem e a mulher e de princípios genéricos, como liberdade, igualdade e fraternidade, pelos quais se omitem contradições de interesses e as violências entre “iguais”. E, por fim, enfrentando uma razão dicotômica, como as separações entre a macro e a micro política da cotidianidade; entre condições objetivas e subjetivas; entre a razão e os sentimentos, e entre a esfera pública e a privada.

O Grupo de Mulheres conquistou, em 2003, a assessoria do CEAS (Centro de Estudos e Ação Social), entidade constituída por um grupo de jesuítas e por pessoas de diferentes pontos de vista, comprometidas em denunciar formas de opressão e desigualdades sociais e apontar a iniciativa das classes populares como caminho para a superação da miséria e exploração. A contribuição do CEAS tem sido na formação política do Grupo de Mulheres e do Grupo Panteras Negras, que vem favorecendo o pensar de uma organização popular mais democrática e a defesa de políticas públicas.

É com este caminhar que o Grupo de Mulheres tem mantido sua história de 25 anos como movimento popular de mulheres negras feministas, ampliando os lugares de luta e de afirmação de direitos e questionando um modelo de desenvolvimento calcado no racismo, produtivismo e no economicismo.





glossário

- ◆ **Candaces** A palavra que significa a forma latina afrancesada de KANTAKAL Ram Attes, as guerreiras que formavam novas gerações, on see Noyes, comemoradas jovens de essência divina. As senhoras de Cush minhas da Ениуа.
- ◆ **Koush Cush** Reino que durou mil anos, situado entre a sua primeira capital Nagata, mais tarde transformada para Merve. Este reino se caracterizou por porte matriarcal tipicamente local. A região chamada país de Koush pelo Egne amigo, que conquistou a Nubia, cuja capital era Méroe e corresponde ao SUDÃO.
- ◆ **Nubia** País situado ao sul do Egito, lugar de passagem da grande rota de caravanas que ligava o Egito à Africa Central.

glossário

- ◆ **Sudão** É o mais vasto país da África, ocupando 8% de sua superfície, e estendendo-se pela bacia de alto Nilo que o atravessa de Sul a Norte. O Sudão corresponde, portanto, ao antigo Reino de Koush.
- ◆ **Voduns Dan** Serpente sagrada que assegura força e proteção.
- ◆ **Vodum** Entidades africanas, ancestrais do povo fon do Reino de Dahomé.
- ◆ **Vodunsi** Filho(a) de santo que incorpora o Vodum ao qual foi consagrado(a).
- ◆ **Galaku** Nome próprio da Nação Jêje Mahi para designar o responsável na zeladoria do Terreno.
- ◆ **Povos Jêje** originários do antigo Reino do Dahomé.
- ◆ **Galaku, Doné e Mejitá** correspondem a postos da hierarquia religiosa da Nação Jêje nos Terreiros da Bahia relacionados às famílias dos voduns.

1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

Atividades pedagógicas

**Ana Célia da Silva e
Maria Luisa Passos**

atividade

1. Candaces são mulheres guerreiras corajosas, que servem de exemplo para as gerações. Entre as mulheres na sua família, no seu bairro, quem você considera como uma Candace?

2. Complete:

Nefertiti e Cleópatra foram poderosas _____
africanas do Egito do reinado das _____

3. Responda: Cleópatra nasceu no Egito, na África, logo a cor da sua pele era?

4. Numere a 2ª coluna de acordo com a 1ª:

- | | |
|---|---|
| a) O título
Gaiaku é pró-
prio da nação. | () Keto
() Jeje Mahi
() Hunkpámě Ayionó |
| b) Terreiro je-
je-mahi em
Cachoeira. | Hùntóloji
() Mãe Menininha
() Gayaku Luiza |
| c) Faleceu em 20
de junho de
2005. | () Mãe Hilda Jitolu
() Gayaku Luiza
() Mãe Senhora |
| d) Iniciada no
Bogum em 09-
08-44. | |

atividade

5. Contribuições das Candaces Dete Lima e Lélia Gonzalez para o povo negro:

- a) Dete Lima () Turbantes culturais
- b) Lelia () Arte em Tecidos.
- Gonzalez () Disse: "O branqueamento é um dos maiores obstáculos a serem vencidos",
- () Veste Orixás
- () Conceituou: "Cultura é política com "P" maiúsculo".
- () Fundadora do M.N.U.
- () Fundadora do Ilê Aiyê.
- () Exposições individuais e coletivas.
- () Afirmou "Preso comum é preso político".

6. Contribuições das Candaces Ruth de Souza e Leci Brandão:

- a) Ruth de () Terra é sempre terra
- Souza () Defesa das minorias.
- b) Leci () Teatro Experimental do Negro
- Brandão TEN (1945).
- () Sinhá Moça.
- () Assalto ao trem pagador.
- () Conselheira da SEPPIR a convite do presidente Lula.

atividade

- () O quarto de despejo
- () Compositora da Mangueira
- () Atriz na minissérie “Memorial de Maria Moura”

7. Um pouco de diversão: Após uma consulta ao texto sobre Nefertiti, pág. 15, descubra nesse caça palavras onde estão os nomes das seis filhas de Nefertiti e Akhenaton, depois liste-os abaixo:

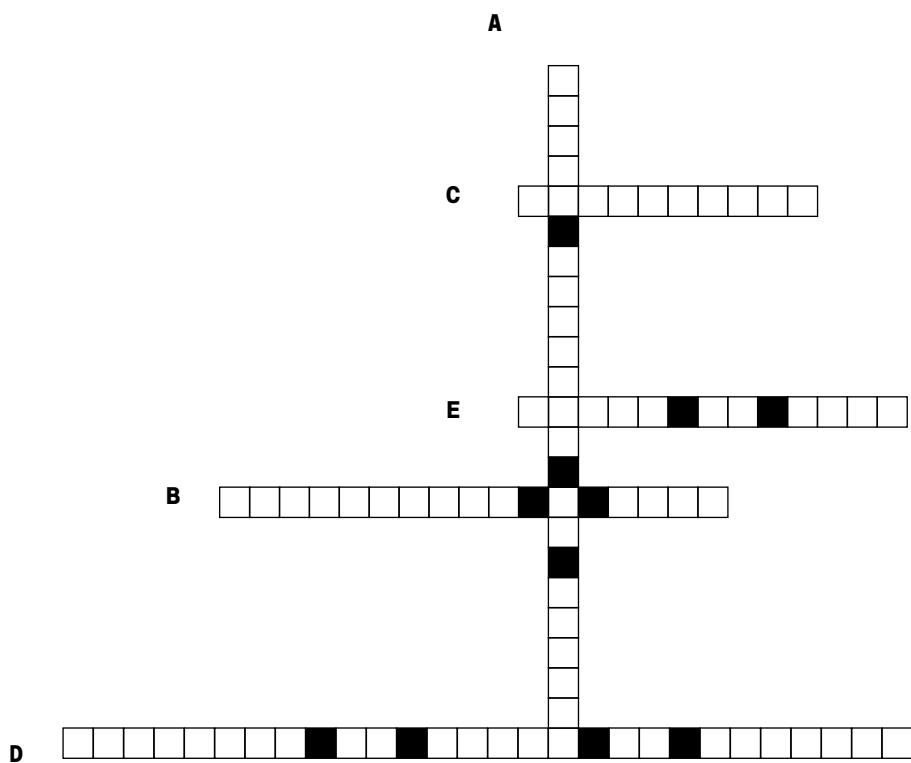
MERITATONGATAYUMAGERTEPOLTULMABNDERÇOAJUHLAKDIEALKNVJDHFUP
OAKLAZMDKSDHFIUWROIQPOAMEKETATONKSHEUINDNAMKNJNKUJFRUHU
WKDAKNJHUHUQOAKJIHBBDJURGUEHIANJSDBFHEGRUWEHRIWEKHWEUUA
NKHESENPAATONKKSHEHRUWHRIJDBFDSBFHEGTYWERUQHRQJKNDJASNC
QNSDBFHEWRYRUQQWNJAFSDJBFHEUWRUQEIQWDNJASNSDJBFHWEGRWR
UWANDKASNMAFHEWGYRWURHQUDHAJKSNDJSABNEFERNEFERUATONUJJ
IUIJOKLKLKJJHGYPDFCBJKJJKIIKKLOUKMUJHUJULKIWHTUWUFUDGHUW
GDUASDIAJDKXZNJDSBGHDSGFYEWRIUQWHJFURHTURTOIWJFKDNFJSDBJR
EGTIUNEFERNEFERUÉLNFJFGBIUERHTWFKWDFCMSDNVJHGUERHTIWHFLKM
NVJKREUTHIUTHOWEIJFKWJFLKSDNGJKHGIEUWHTWIFLSACÇLSKFPOWUOI
REYTUIERHGJKDFBNVKSNOEWRIUTIREHSETEPENRÉODHFJJDJNMVNXLZKNVS
DLKHFUESHFUHFGIKDFHEJDKGJJFKJFGUERUEOWMKNRHUEWOKCKVJGUEUW

atividade

Refletindo um pouco sobre o Grupo de Mulheres do Alto das Pombas ou das Candaces da contemporaneidade: Nas linhas a seguir, teremos dados referentes às histórias de luta e conquistas do grupo citado acima. A partir da leitura do tema do carnaval do Ilê Aiyê 2008, interprete as questões abaixo montando o caça-palavras a seguir.

- a) Escola estadual reaberta.
- b) Escola municipal reaberta em 2000.
- c) Foi revitalizado e reformado em 1992.
- d) Além de reformado foi implementado e sua sigla é (PSF).
- e) Primeiro nome do grupo.

atividade



atividade

8. Dialogando com o dicionário. Nos quadros abaixo encontraremos palavras que geralmente não fazem parte do nosso vocabulário. Que tal uma pesquisa?

GAYAKU

MÉROE

BEGRAWIYA

CUSH

JEJES

BOGUN

atividade

OUTRAS DICAS

- ◆ Construir um espetáculo Teatral para publicizar o legado histórico das Candaces;
- ◆ Construir uma interpretação do texto com Cruzadinhas, caça-palavras, recortes de jornais, quebra cabeças;
- ◆ Promover rodas dialógicas sobre a importância das Candaces para a humanidade;
- ◆ Convidar mulheres mais velhas para realizar relatos de experiências de vida.
- ◆ Utilizar as músicas compostas a partir do tema Candaces, Rainhas do Império Méroe, para um maior entendimento sobre a história tendo em vista que a música possui um modelo textual acessível para as crianças, os jovens e os adultos.
- ◆ A partir daí realize; leitura silenciosa, leitura coletiva, leitura compartilhada, interpretação oral, interpretação escrita, novos poemas;
- ◆ Monte um painel com fotos, recortes de jornais ou desenhos das Candaces da contemporaneidade envolvendo as mulheres: da comunidade escolar, da comunidade onde os/as alunos/as moram, bairro onde a escola está localizada, na cidade, no país.

atividade

Para poder ampliar a pesquisa sobre mulheres negras e a sua importância no contexto social visite os seguintes sites:

www.casadeculturadamulhernegra.org.br
www.mulheresnegras.org
www.espacoacademico.com.br/026/26rpraxedes.htm
www.mariamulher.org.br/index.html
<http://letras.terra.com.br/os-mulheres-negras>
<http://coletivodemulheresnegras.blogspot.com>
http://www.dieese.org.br/esp/estpesq14112005_mulhernegra.pdf
http://www.fazendogenero7.ufsc.br/st_10_C.html
[http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52 a 57.pdf](http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52_a_57.pdf)
www.lelagonzalez.org.br
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Nefertiti>
[http://ci/dinhadasilva.blogspot.com/2007/09/ns-negras-uma-homenagem-s. mulheres.html](http://ci/dinhadasilva.blogspot.com/2007/09/ns-negras-uma-homenagem-s.-mulheres.html)

VÍDEOS:

Candaces - Rainhas do Império Méroe. MASO-Image Concept, 2008.

Nós Negras - Uma homenagem às mulheres negras do samba - youtube

Cidade das mulheres de Lázaro Faria, 2008.

Eu vi Boa Morte Sorrir, de Angela Machado Doc. 29 min. 1996. Sobre a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte de Cachoeira

Gaiaku Luiza: força e magia dos voduns - direção de Soraya Mesquita, com duração de 55 minutos, 2007.

Filhas do vento de Joel Zito Araújo Brasil/2004

*Ana Célia da Silva é Educadora do PEP/Ilê Aiyê, doutora em Educação (UFBA) e Professora da UNEB.

**Maria Luisa Passos é Graduada em Pedagogia pela Fac. Fundação Visconde de Cairu, dos cursos profissionalizantes do Ilê Aiyê e desenvolve pelo CEAFFRO/UFBA-Educação e Profissionalização para a Igualdade Racial e de Gênero ações de formação pelo projeto Escola Plural A Diversidade está na Sala.

1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

Antologia poética



Valiosas mulheres

(Milton Boquinha e Marito Lima)

Rainhas mães, corajosas guerreiras compromissadas
Mulheres sempre destacadas a frente do poder
O Império Méroe ao sul do Egito começava Núbia
Templo do sol, reino de Axum de Nefertiti a Akhenaton
Monoteísmo, o deus do sol è Aton
Cleópatra também se destacou, lá no Egito
A mais bonita, exuberante, irreverente, profundamente inteli-
gente
Negras lindas, lindas negras
São tão belas e sensuais
Coisas raras de se ver
Rainhas Candaces do Ilê Aiyê
Gaiaku Luiza, sacerdotisa
Jeje mahi, foi no Bogun onde tudo começou
Pra festejar pra Azansú
Vodum correspondente a Omolu
Dete o povo negro te agradece Você faz parte da história
Faz Ilê crescer
Braço forte da senzala
É a grande estilista do Ilê Aiyê
Lélia Gonzalez, militante do Movimento Negro Unificado
Ruth de Souza foi militante estudantil
Se destacou, como atriz em tempos difíceis no Brasil
Leci Brandão, rainha do samba, o pagode é gostoso na palma da
Alto das Pombas, movimento popular, negras feministas
A comunidade em primeiro lugar, lutar, lutar, lutar...

Ilê Aiyê e as candaces

(Itamar Tropicalia – Tinga – M. Othelo)

Ilê Aiyê e as Candaces Kele. Kelé
Ilê Aiyê e as Candaces Kelé, Kela Ago
Aiyê Curuzu, Curuzu ago oyá Ago
Aiyê Senzala do Barro Preto Colofe
Ilê Aiyê
Candomblé jeje Zoogodó Bogun
Male Hundó
Candaces, rainhas do Império
Méroe Mulheres que viraram mito
Nefertiti e Cleópatra Foram rainhas do Egito
Entre as religiões metropolitanas do país
As baianas são as mais guerreiras
Feminina população
Candace Dete Lima tem o poder da criação
Peço sempre a sua benção
Peço sempre ago yá
Colofé, Colofé yalorixá Ilê Axé Jitolu
Colofe, Colofé terreiro de Cacunda Yaya
Colofé, Colofé Gaiaku Luiza sacerdotisa
Do jeje mahi na Bahia
Colofé, Colofé Savi, Porto Novo, Abomé, Aladá
Olorum modupè axé Ruth de Souza
Da interpretação Olorum modupè axé Zezé
N'zinga e expressão Olorum modupé axé
Gaiaku Luiza, Xica da Silva
Olorum modupé Lélia e a Candace Leci Brandão

O canto da serpente

(Silvio de Itapuã)

Aiyê extensão da riqueza africana
Expressa no tempo a nobreza em seu desfilar
É lindo ver a negra sinfonia soando em nagô
Os negros felizes na avenida transpirando amor
Revela o poder de uma terra matriarcal
O ventre da fêmea imortal desenvolve o mundo
As Candaces da vida Dete Lima, Mãe Hilda
Jitolu Arani, Luiza Gaiaku arco-íris a nos guiar
Hoje o Ilê Aiyê sai da Senzala a cantar
Lelê marê, Lelê marê Oxumaré
Lele moriá Arakaa Lelê marê Oxumaré
Os filhos de Dan trilham o caminho da liberdade
Senhor dos Funs de Daomé
Sinta no coração o teor da negritude
Essência que não se confunde
Ilê Aiyê é a própria razão
A beleza infinita dessa gente diferente
Que pulsa no subconsciente
E faz ecoar em um só tom
O canto da serpente

Dete lima e sua arte

(Rita Mota)

Quem quiser transformação
Arte, canto, poesia
Peça a Dete Lima
Que ela ensina esta magia
Um turbante bonito
Um pano da costa
Sandália de couro
Quem é que não gosta
Lá nos anos setenta, ainda se ouvia
Que negro era feio, sem direito a alegria
Dete Lima aparece, junto ao Ilê então
Fazendo corpo, cabeça e a transformação.

Candace Ilê

(Paulo Natividade)

Rainhas do Império Méroe,
Narradas como tema Ilê Aiyê
Candaces, Candaces, Candaces Ilê
Candaces, Candaces, Candaces Aiyê
QG da negritude Curuzu
Sudão, Nubia, Etiópia e Axum
Guerreira negra, matriarca Gaiaku
Do Gege Mahi ao Zoogodó Bogum
Lélia Gonzalez implantou filosofia
No movimento negro a que pertencia
Antropóloga, pedagoga popular
Mulher de fibra, nunca parou de lutar
Dete Lima a nossa sábia rainha
Figurinista, estilista da Bahia
Mona Ekede mãe e filha de Oxum
Brava Candace do Terreiro Jitolu
Ruth de Souza sempre sonhou ser atriz
Realizou seu sonho e é feliz
No teatro, cinema e televisão
Essa Candace só nos dá inspiração
Lecy Brandão nasceu em Madureira
Compositora líder negra brasileira lhe traz em sua trajetória
Mais uma Candace é um marco da nossa história
Aconteceu num bairro de Salvador
Mulheres juntas em um grupo se formou
Lutando sempre contra a discriminação
No Alto das Pombas ativas afirmações

Nzinga brasileira

(Sandro Teles e Mario Pam)

Vem de lá
O poder que emana do útero negro
Mãe Africa de tantos segredos
Que tem na mulher o ponto inicial desta terra
Que foi construída por mãos africanas
Ser Gonzalez
Um ponto importante nesse movimento
Mulher com total fundamento
A conscientizar juventude na luta pela igualdade
Militante da luta do negro, saudosa guerreira mineira...
Nzinga brasileira
Ewá, Ewá, Ewá Ewa Okan Ilê Nê Ilê Aiyê
Ewá, Ewá, Ewá Ewá Okan Axé
Axé Axé Axé
Eu vou subir o Curuzu com esse canto
Sentindo o vibrar do poder feminino
Candaces, rainhas verdadeiras
Dessa Africa rica de povo ancestral
Com mulheres de sangue real
Refletido em guerreiras brasileiras
O trançar no corpo um tecido bonito, colorido
Devolve o sorriso da negra faceira
Auto-estima elevada caminho aberto, certo
Na conquista de sua realeza.

Negra poderosa

(Silvio Almeida e Davizinha)

Beleza negra
O seu sorriso é o amanhecer
O seu gingado parece um laço
Que enlaça quem te vê
A sua forma
Delicadeza de rara mulher
E vaidosa com simplicidade
Sorriso cheio de axé
Vem comigo, vem cair na dança
Tudo que é bonito é pra todo mundo ver
Negra poderosa do Ilê
Essa negra linda tem malícia
Ela é a deusa do Ilê Aiyê
Ela ginga sim, ela baila
É pura sedução no seu olhar

Vou me africanizar

(Zé Carlos Cabelo – Tiago da Bahia – Edilson Bambambam)

You me africanizar, vou cantar pra Deus ajudar

You me africanizar, abraçar Angola

You me africanizar jeje, bantu, nagó, yorubá

You me africanizar, Zumbi quilombola

É, eu sei.

O mundo está se transformando

Pouco a pouco vai mudando, mas não mudo meu pensar,

Ilê, Eu sei, emana em mim a liberdade

Questão de necessidade de me africanizar

Ilê Aiyê, seu canto é forte

Divino, digno de adoração

Vou cantar com alegria o orgulho de ser negão

De Angola nós herdamos a capoeira e o candomblé

Vou subir o Curuzu levando a paz, pregando a fé.

bibliografia

- Bairros, Luiza. *Lembrando Lélia Gonzalez*. Afro-Asia 23. Centro de Estudos Afro-Orientais UFBA, Salvador (2000): 347-368
- Carvalho, Marcos. *Gaiaku: Luiza e a trajetória do Jeje-Mahi na Bahia*. Rio de Janeiro Pallas. 2006.
- Comitini, Carlos. *África: O Povo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982. 112p. Egito Pág. 105-114.
- Jesus, Maria Angela de. *Ruth de Souza: A Estrela Negra*. S. Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2004
- Ki-Zerbo, Joseph. *História Geral da África*. Unesco. Paris.
- Silva, Lydia. Vieira, Ana Maria. *Mulheres do Vento, Mulheres do Tempo*. Salvador-Bahia, 2006.
- Africana. The Encyclopedia of the African and African American Experience*. Editora Kwame Anthony Appiah, Henry Louis Gates. Library of Congress Cataloging. New York, 1999.

créditos da edição 2025

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia **Reitora:** Georgina Gonçalves Dos Santos • **Vice-Reitor:** Fábio Josué Souza Dos Santos • **Pró-Reitor de Extensão e Cultura:** Danillo Silva Barata • **Coordenação de Cultura e Universidade:** Fabiana Comerlato • **Coordenação de Extensão Universitária:** Maria Da Conceição De Menezes Soglia

Anjo Negro Selo Editorial

Editor: Danillo Silva Barata • **Editora Executiva:** Iansã Negrão • **Coordenação:** Morgana Miranda • **Revisão:** Joana Rizerio • **Tratamento de Imagem:** Roberto Abreu • **Digitalização dos Textos:** Leandro Sales • **Projeto Gráfico:** Iansã Negrão/ Casa Grida • **Design:** Iansã Negrão, Morgana Miranda & Isabella Coretti • **Produção Executiva:** Robson Oliveira • **Restauração:** Morgana Miranda e Rex

ISSN 2236-6784
e-ISSN 2764-5878

Permite-se a reprodução das informações publicadas, desde que sejam citadas as fontes

créditos da edição original

Projeto de Extensão Pedagógica
Caderno de Educação do Ilê Aiyê
Vol. 16 – Candaces: Rainhas do Império Méroe

Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê

Diretoria

Hilda Dias dos Santos (Mãe Hilda)

Presidente: Antônio Carlos dos Santos Vovô

Vice Presidente: Aliomar de Jesus Almeida

Arany Santana Neves Santos • Dário da Páscoa • Edson Tobias de Matos • Edmilson Lopes das Neves • Elizete Matos dos Santos • Fernando Ferreira de Andrade Filho • Hilldete Valdevina dos Santos Lima • Jônatas Conceição da Silva • José Carlos dos Santos • Maria de Lourdes Siqueira • Oduvaldo de Jesus Santos (*in memorian*) • Osvalrizio do Espírito Santo • Paulo Cezar da Costa Cerqueira • Paulo Raimundo Ferreira Bonfim (*in memorian*) • Roberto dos Santos Rodrigues • Vivaldo Benvindo dos Santos • Wilson Batista Santos

Coordenação Pedagógica: Jônatas Conceição da Silva **Assistente de Coordenação:** Alexandro Teles dos Santos **Pesquisa e Adaptação de Textos:** Jônatas Conceição da Silva **Pesquisa e Textos:** Maria de Lourdes Siqueira **Capa e Ilustrações:** Mundão **Edição e Produção:** Via Direta Comunicação (Benneh Amorin) **Editoração e Diagramação:** Helida Rocha

End. Rua do Curuzu, 228, Liberdade
CEP 40365 000, Salvador • Bahia
Teleone 71 3256 8800
Telefax 71 3256 1270
Site www.ileaiye.com.br
E-mail ileaiye@ileaiye.org.br



PROexc

PROJETOS DE EXTENSÃO E CULTURA

UFB

Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia

TI PALMARES
FUNDAÇÃO CULTURAL

MINISTÉRIO DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO